



# FCB Boletim B

ANO IV — N.º 41

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

SETEMBRO — 1949



"IDILIO  
NOTURNO"  
E. Salvatore





**EU TAMBEM**  
*Prefero a*  
**MESBLA**  
**DIZ O AMADOR**  
**FOTOGRAFICO**



**RIBEX BOX**

Tipo caixa, fabricação Italiana, inteiramente metálica, 3 poses 6x3 em filme 129. \$ 250.



**ANSO PANDA**

E simplesmente maravilhosa esta pequena máquina. E os resultados? Excelentes. Venha buscar a sua. Apenas \$ 180.

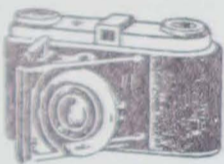


**FALCON**

Para seu filho uma bela máquina de baixo preço. Fácil de manejar com bons resultados. Tira 16 fotos em filme 127. Com bolsa \$ 60, Idem, mod. luxo \$ 98.

**NOVIDADE**

Quadros para fazer títulos de filmes. Diversos tamanhos. Práticos e simples. Desde \$ 720,



**VBIGHTLANDER VITO**

Uma câmera miniatura que é uma verdadeira joia! Equipada com objetiva Skopar 1:3,5, obturador Prontor II com bolsa de prontidão \$ 2800,



**ZEISS IKONTAS**

Temos em estoque diversos modelos:

- 4 1/2 x 6 com objetiva Novar 1:4,5 e bolsa \$ 2.400,
- 4 1/2 x 6 com objetiva Novar 1:3,5 e bolsa \$ 2.800,
- 4 1/2 x 6 com objetiva Tessar T 1:3,5 e bolsa \$ 4.300,
- 6 x 6 com objetiva Novar 1:4,5 e bolsa \$ 2.700,
- 6 x 6 com objetiva Novar 1:3,5 e bolsa \$ 3.400,
- 6 x 6 com objetiva Tessar T 1:3,5 e bolsa \$ 4.600,
- 6 x 9 com objetiva Novar 1:4,5 e bolsa \$ 3.000,



**ANSO REFLEX**

A melhor câmara reflex americana, inteiramente automática, vidro despolido, lupa de aumento, visor esportivo, com objetiva Anso azulada 1:3,5, obturador de 1 a 1/400. \$ 6.900



**DEHEL**

8 poses, 6 x 9 com objetiva Manar 1:4,5, obturador AGC 1/125 automático embutido. \$ 1.400, Idem, com frisos cromados \$ 1.540,



**LEICA II C**

A máquina mais famosa do mundo pela excelência de seu material e o resultado sem par obtido com as suas objetivas. 36 poses 24 x 36 mm (miniatura) com objetiva Summitar 1:2 telêmetro embutido, bolsa de prontidão \$ 8.800,

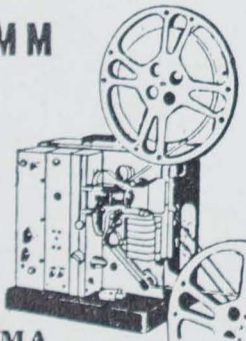
Idem com Summitar 1:2, modelo IIIC \$ 10.600,

**ACABA DE CHEGAR**

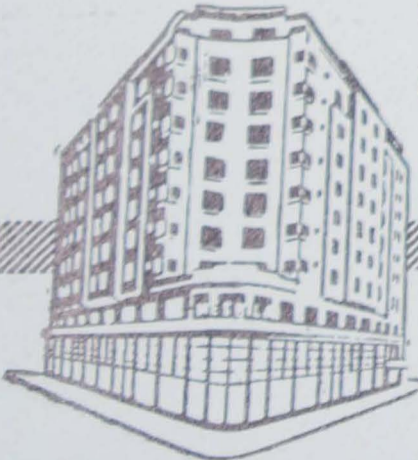
Filmador Paillard H-16 com uma objetiva normal Switar 1:4 f 25 mm - uma tele Yvar 1:25 f 75 mm e uma Grande Angular Yvar 1:2,8 f 15 mm - com mala original. \$ 16.200,

**PROJETORES SONOROS 16 MM DAS MELHORES MARCAS**

- De Vry Bantan . . . . . \$ 13.500,
- R C A . . . . . \$ 16.900,
- Victor . . . . . \$ 17.200,
- Ampro Paramount . . . . . \$ 19.500,
- Filmosound BH 185 B3 . . . . . \$ 21.000,
- De Vry Super 16 . . . . . \$ 21.000.



ASSISTA UMA SESSÃO DE CINEMA EM NOSSA CABINE ESPECIAL.



**Mesbla**

Rua 24 de Maio, 141 - São Paulo

RIO - S. PAULO - P. ALEGRE - NITERÓI - RECIFE - B. HORIZONTE - PELOTAS - VITORIA



# FOTOPTICA

Foto · Cine · Otica

Foto · Cine · Otica

Projektor Sonóro REVERE, 16 mm. de primeira qualidade, com lâmpada de 750 Watts, último modelo, por	Cr. \$ 12.000,00
Projektor Sonóro DEYRE, 16 mm., com lâmpada de 750 Watts, projektor de primeira qualidade, último modelo, por	13.500,00
Filmador PAILLARD BOLEX H-16 mm., com 3 objetivas, sendo tele-Ivar 2,5 foco 7,5 sm., Switar 1:1,4, foco 2,5 cm. e grande angular Ivar 2,8, foco 1,5 cm., com mala original, completo, por	16.187,00
Filmador KEYSTONE, 16 mm., modelo A-7, com objetiva cine-Raptar 1:1,9, com 7 velocidades para filmes de 30 metros	3.980,00
Filmador KEYSTONE, 16 mm., modelo A-7, com objetiva cine-Raptar 1,2,5, com 7 velocidades, para filmes de 30 metros	2.980,00
Projektor KEYSTONE, 16 mm., modelo K-160, com objetiva Ilex, com lâmpada de 750 Watts, por	4.780,00
Projektor KEYSTONE, 8 mm., modelo R-37, com objetiva Ilex, com lâmpada de 300 Watts, por	2.350,00
Útima novidade. Aparelho miniatura 24x36. BOLSEY, modelo B-35, com objetiva Wollensak 1.3.2. foco 46, obturador Wollensak 1/10-1/200, com mala de prontidão, por	2.560,00
SUPER-IKONTA, tamanho 4,5x6 com objetiva Zeiss Tessar 1.3,5, com obturador Compur rápido 1.1/500, com estojo de prontidão, por	6.000,00
SUPER-IKONTA, tamanho 6x6, com objetiva Zeiss Tessar 1.2.8, foco 8 cm., com obturador Compur Rapid 1,1/400, com mala de prontidão, por	8.800,00
SUPER-IKONTA, tamanho 6x9 cm., com intermediário para 4,5x6 para poder tirar 8 ou 16 fotos com objetiva Zeiss Tessar 1.3.5. foco 10,5 cm., com obturador Compur Rapid 1,1/400, com disparador automático e mala de prontidão, por	7.700,00
ROLLEIFLEX AUTOMAT 6x6, com objetiva Tessar 3,5 T Azulado, foco 7,5 cm., com obturador Compur Rapid 1,1/500, disparador automático, com mala de prontidão, por	7.863,00
BEACON N.º 1, tamanho 3x4, c/mala de prontidão, por	498,00
BEACON N.º 2, tamanho 3x4, com sincronizador (para lâmpadas flash) para 16 fotos, com mala de prontidão	696,00
BELA BOX, tamanho 6x9 ou 4,5x6, para filmes 120 ou 620, construção inteiramente de metal, com filtro amarelo, embutido, com parasol, completo, por	180,00

## FOTOPTICA

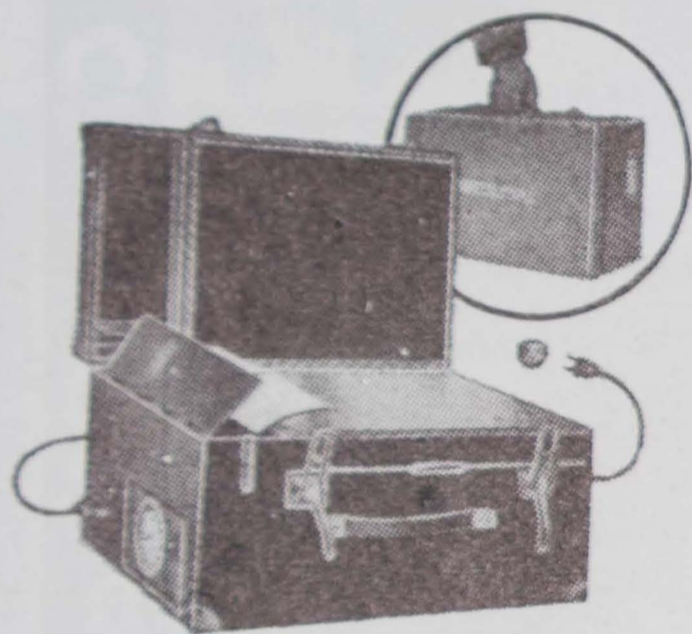
RUA S. BENTO, 359 - TELEFONE, 2-4900 -:- RUA 7 DE ABRIL, 102 - TEL., 4-0788  
 CAIXA POSTAL, 2030 - End. Telegráfico: FOTOPTICA S. PAULO — SÃO PAULO  
 ESCREVAM OU VISITEM-NOS — ATENDEMOS PELO REEMBOLSO.



# COPIGRAF

## APARELHO PARA FOTOCOPIAS

Para uso em escritórios e departamentos técnicos.



- ★ Para reprodução de documentos, livros, desenhos, etc.
- ★ Sem camera escura
- ★ Sem conhecimentos especiais
- ★ Em apenas 15 minutos

### AOS INTERESSADOS

fazemos demonstração sem compromisso

INFORMAÇÕES MAIS DETALHADAS:

## ARROYO & CRUZ

Rua da Quitanda, 162 - 4.º and. - Fones: 2-3618 e 3-7965

SÃO PAULO



**MARAVILHAS**  
— D A —  
**FOTOGRAFIA**

*É o título de uma brochura que gratuitamente enviamos a todos interessados em foto e cinematografia. Favor dirigir-se, sem compromisso, à*

**Agência Editôra**  
— I R I S —

RUA XAVIER DE TOLEDO, 140  
9.º and. - S/8 - Fone 4-2139  
Caixa Postal, 1704  
SÃO PAULO

★ ORGANIZAÇÃO ★  
**RECORDE**  
BELLELLI, GÖTTLIEB & CIA. LTDA.  
SÃO PAULO

— • —  
**TUDO**

SOBRE FOTOGRAFIA E  
CINEMATOGRAFIA

— • —  
LABORATÓRIO  
PRÓPRIO

— • —  
VISITE NOSSA SECÇÃO  
ESPECIALIZADA

— • —  
RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 204  
F O N E : 2-1584  
SÃO PAULO

# Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1919

**CAPITAL REALIZADO:— Cr.\$ 4.000.000,00**

**SEGUROS:—** Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automóveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/48 — Cr.\$ 39.352.220,10  
Sinistros pagos até 31/12/48 — Cr.\$ 247.663.390,60

PRESIDENTE

**ANTONIO PRADO JUNIOR**

**MATRIZ:** Avenida Rio Branco, 137 — (Edifício Guinle)

End. Telegr.: "SECURITAS" — RIO DE JANEIRO

**SUCURSAL EM SÃO PAULO:** Rua Boa Vista, 127 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí

Telefones:— 2-3161 a 2-3165

**J. J. ROOS — GERENTE - GERAL**

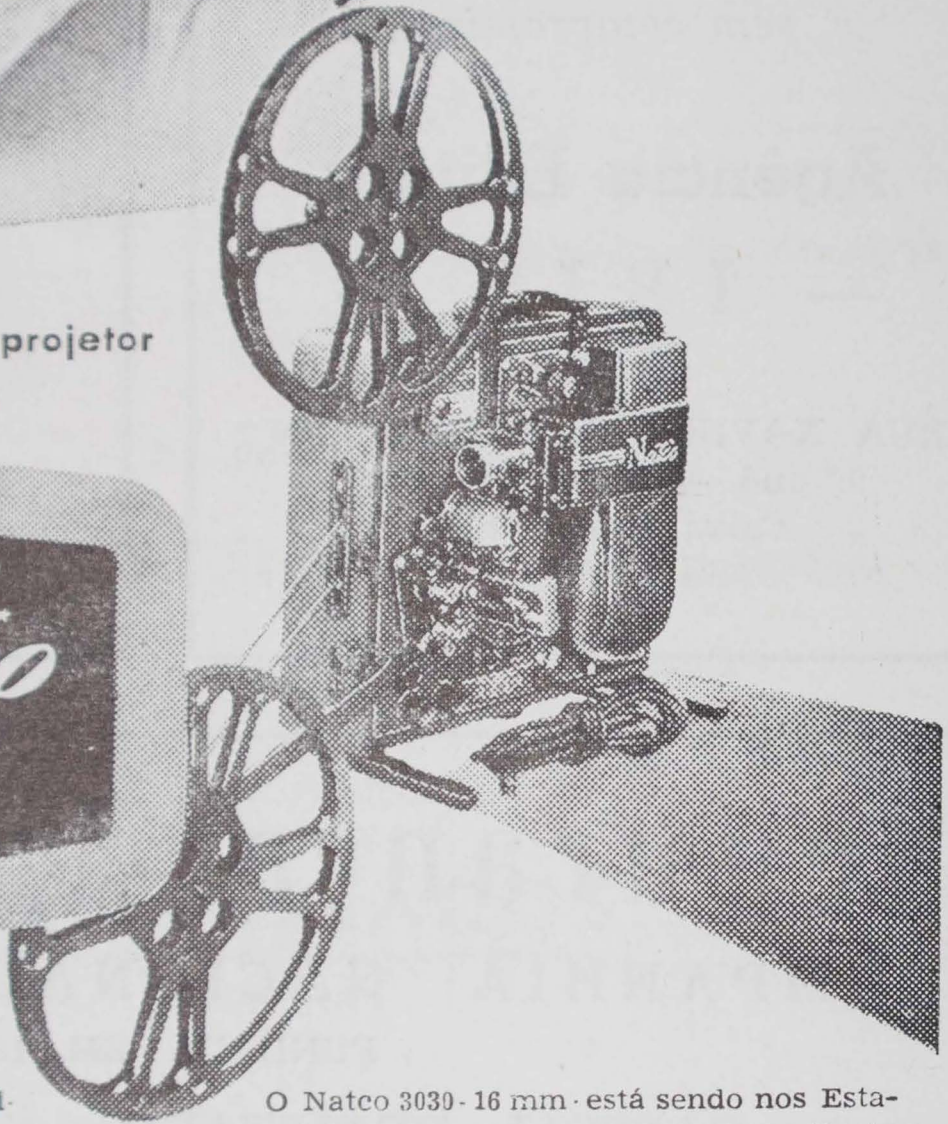
**A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS**





realismo -  
emoção -  
PERFORMANCE -

no mais perfeito projetor  
sonoro do mundo



Nunca se esteve tão próximo da perfeição como neste novo modelo Natco 3030 - de tipo profissional, mas construído para o lar.

O Natco 3030-16 mm está sendo nos Estados Unidos, o projetor sonoro 50 anos adiante de sua época. É maravilhoso! É extraordinário!

**VEJA ESTAS CARACTERÍSTICAS:**

Imagem e Som tão perfeitos como de um grande cinema. A mais absoluta simplicidade de manêjo - Novo sistema de resfriamento - Absoluta nitidez - Nova construção permitindo a mais alta eficiência, pelo mais baixo custo.

**IDEAL PARA:**

Escolas, Igrejas, Organizações Industriais e Culturais e para o cinema amador e profissional. Tem um custo tão reduzido que permite o uso no lar em ampla escala. Peça uma demonstração completa.

**DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:**

**ENCONTRADO EM TÔDAS AS  
BÔAS CASAS DO RAMO**

**Cipan**



**S. PAULO: RUA D. JOSÉ DE BARROS, 238 - TELEFONE 6-6913  
RIO: RUA MÉXICO, 11 - 9º ANDAR - SALA 902**



FOTO-CINE CLUBE  
BANDEIRANTE  
**BOLETIM**

(Reg. n.º 254)

—x—

Diretor Responsável:

**Dr. Eduardo Salvatore**

Diretor de Redação:

**Dr. Jacob Polacow**

Diretor Comercial:

**N. Kojranski**

—x—

Redação e Administração:

Rua São Bento, 357 - 1.º and.

São Paulo — Brasil

FOTO-CINE CLUBE  
BANDEIRANTE

•  
Laboratório e Atêlier para  
aprendizagem e aperfeiçoamento.

•  
Sala de leitura e bibliotéca  
especializada.

•  
Excursões e concursos mensais  
entre os sócios.

•  
Participação nos salões e concursos  
nacionais e estrangeiros

•  
Intercambio constante com as  
sociedades congêneres de todo  
o mundo.

•  
DEPARTAMENTOS:

**Fotográfico**

**Cinematográfico**

**Secção Feminina.**

•

	Cr.\$
Joia de admissão . . . .	50,00
Mensalidade . . . . .	20,00
Anuidade (recebida sòmente nos meses de janeiro a março de cada ano	200,00
Taxa extra mensal:	10,00

•

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

•  
Séde Social :

Rua Avanhandava, 316

Fone: 2-0937

S. PAULO — BRASIL

# A Nota do Mês

Os acontecimentos se sucedem tão vertiginosamente, em nosso Clube, que por vezes não nos damos conta da espetacular evolução que estamos atravessando.

Quem diria que ha poucos mezes apenas, encontravamos-nos naquelas acanhadas saletas da rua São Bento, dando tratos á bóla de como conseguir mais alguns palmos de espaço utilisavel... mas, isso é coisa do passado e hoje a nossa séde faria inveja ás mais adiantadas sociedades fotográficas do mundo. Creiam que não ha exagero na expressão.

Entretanto, si as novas instalações do "Bandeirante" representam algo de admiravel, não sobrepujam, por certo, o incremento experimentado pelas atividades clubísticas inerentes á entidade.

Concursos mensais de fotografias e transparencias coloridas, participação nos mais afamados Salões dos quatro continentes, seminários sobre Arte Fotográfica, Port-fólios", paléstras e conferencias sobre temas especializados, demonstrações práticas de estudio, projeções cinematográficas, elaboração deste Boletim, organização de excursões, organização do nosso Salão Anual de Arte Fotográfica — eis alguns dos compromissos inadiaveis que nos mantem nessa faina febricitante, característica dos "bandeirantes".

O aumento do quadro social em ritmo acelerado e a acorrecia de associados á Séde, todos desejósos de participar das atividades programadas, veem de criar um novo problema, qual seja o do bom aproveitamento das dependencias, afim de que não surjam confusões, atropelos, com prejuizo evidente para os trabalhos em curso.

A solução desse problema vem obrigando a Diretoria do F. C. B. á adoção de medidas adequadas que serão postas em prática dentro do menor prazo possivel, visando disciplinar os afazeres de módo a que se possa desenvolver o programa estabelecido, eficientemente e sem atropelos. Isto quer dizer que teremos, muito em bréve, um Regimento Interno regulamentando a utilisacão das dependencias da séde social, á cuja elaboração a Diretoria vem dedicando particular atencão afim de prever o que posteriormente poderia se transformar em lastimavel lacuna.

Cada vez mais, temos que nos capacitar de que o "palacete" é de fáto uma casa de trabalho e não apenas um local aprazivel para bate-papo. Por isso, estamos cértos que os associados, sem distincão, emprestarão o seu melhor apoio á iniciativa do Regimento Interno, acatando-o com satisfação, como medida acauteladora do interesse de todos.

---

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotografica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto ás suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondencia deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, S. Paulo, Brasil.



# CONSIDERAÇÕES SOBRE A PAIZAGEM

Palestra proferida na  
Séde Social em 22-9-49

Valencio de Barros — F.C.B.

1 — A paisagem, como estudo da Natureza no que ela tem de belo e de poético, a muito custo conseguiu vencer a indiferença dos pintores antigos. Para eles a paisagem era apenas um cenário de fundo para as pinturas históricas, religiosas ou mitológicas ou para os retratos dos grandes personagens da época.

Na França, o autor de "Lettres critiques sur le Salon", escrevia em 1.791 que "a paisagem é um gênero que não deveria existir".

Outro crítico do tempo pontificava: "A arte da pintura é uma só e não deveria, a rigor, comportar senão um gênero, que é a pintura histórica". Esse mesmo escritor, analisando os quadros de Claude Lorrain, dizia que êle "pintou admiravelmente o ar atmosférico; e ninguém, melhor do que êle, reproduziu o vapor subtil, a vaga indecisão que faz o encanto da natureza... Mas não soube despertar a imaginação, porque não ha, nas suas paisagens, uma árvore que faça sugerir uma hamadriada, uma fonte de onde possa surgir uma náíade... Os Deuses, os semi-deuses, as Ninfas e os Sátiros são completamente estranhos a estes belos sitios".

Andavam todos imbuidos das concepções do classicismo greco-romano e tudo quanto não se relacionasse com tais conceitos não constituiria assunto digno de ser tratado em pintura.

Não há dúvida que já se ensaiava alguma coisa em sentido contrário, pois aparecia de vez em quando, assinados por nomes desconhecidos, algumas pinturas de florestas, de marinhas, efeitos de sol ou cenas da vida campestre, frutos, naturalmente das idéias lançadas pelo gênio de Jean Jacques Rousseau, que começavam a germinar.

Mas, como disse um observador: "David espreitava e ao franzir de seu sobrolho, os paizagistas se inclinavam e a paisagem se recolhia à sombra".

## Influência do romantismo

Foi preciso aparecer um gênio, destemido e forte, para varrer do mundo literário e artístico essas velharias. Foi Chateaubriand, com o "Genio do Cristianismo" que deu essa vassourada e restituiu à Natureza toda a sua augusta magestade.

"Foi o Cristianismo — disse o grande escritor — que rechassando dos bosques e das águas essas pequenas divindades, restituiu aos poetas a liberdade

de representar os desertos na sua magestade primitiva... Livres, daí por diante, desse rebanho de deuses ridículos, encheram-se as florestas de uma divindade imensa".

A paisagem, não é, certamente, criação do Romantismo. Mas cabe incontestavelmente a êsse movimento literário e artístico a glória de nos haver revelado a Natureza, apenas entrevista antes dele.

A geração romântica, mais sensível às harmonias da Natureza, despertou o gôsto das viagens, das grandes caminhadas por sitios pitorescos. Procurou os esplendores das alturas, compreendeu e sentiu o silêncio, o doce recolhimento dos bosques e das florestas e rehabilitou a paisagem pura como tema literário e artístico.

E, assim, os paisagistas foram aos poucos se desembaraçando das figuras mitológicas ou históricas, dos conceitos religiosos ou filosóficos, para apreciarem a Natureza toda nua, no esplendor da sua misteriosa beleza. São os bosques, as marinhas, os campos, os efeitos de sol, as tempestades, as madrugada risonhas, que passaram a oferecer motivos novos à inspiração dos artistas.

Livres daqueles "deuses ridículos", comecem a pensar no homem que com êles vive, em contacto com os elementos, acariciado pelas tardes tranquilas ou fustigado pelas tormentas.

É o que se depreende deste conselho de Millet :

"Quando pintardes um quadro, seja uma casa, um bosque, uma planície, o oceano ou o céu, pensai sempre na presença do homem, nas suas afinidades de alegria, de sofrimento, com tal espetáculo; então uma voz íntima vos falará de sua família, de suas ocupações, de suas inquietudes; criando uma paisagem, pensareis no homem; criando um homem, pensareis na paisagem".

## Holanda, vanguardeira da Arte Contemporânea

2 — Mas a França estava, evidentemente, em atraso de mais de um século, pois a pintura, na Holanda, antes de 1700, já havia atingido a sua idade de ouro e os seus paisagistas — Ruysdael, Albert Cuyp, Hobbema, Paul Potter — deslumbravam o mundo das



artes com os seus inegaláveis quadros, admirados ainda hoje como obras primas do gênero.

De Jacob Ruysdael, disse Eugène Fromentin, um dos mais autorizados críticos da escola :—

“De todos os pintores holandeses Ruysdael é o que mais nobremente se assemelha ao seu país, pela amplidão, pela tristeza, pela placidez um tanto sombria, pelo encanto monótono e tranquilo... Éle nos deixou um retrato da Holanda, não direi familiar, mas íntimo, atraente, admiravelmente fiel, que não envelhece nunca. Por outros títulos ainda, Ruysdael é a mais alta figura da escola depois de Rembrandt; e não é pequena esta glória para quem só pintou paisagens inanimadas e nunca pôs uma figura em seus quadros”.

(Les Maitres d'Autrefois, Hollande, VII).

### Nascimento da Fotografia

Quando nasceu a fotografia, por volta de 1827, todos esses problemas já estavam resolvidos. As Belas Artes já haviam consolidado as suas leis, as suas regras, extraídas, umas da observação dos quadros famosos, que atravessaram os séculos, sempre admirados; outras, dos escritos, dos diários, das memórias dos grandes artistas, que deixaram registrado o seu pensamento a respeito das controvérsias e dos pontos cardiais da junto de conselhos e de regras que, no consua arte.

Essas observações constituem um conjunto de conselhos e de regras que no consenso geral, devem ser seguidas no plano e na execução dos trabalhos de arte. Por umas e outras, orientaram-se os grandes pintores na elaboração das obras primas que ornamentam os grandes museus, e mesmo muitas galerias particulares. Daí o prestígio e a força dessas regras, as quais vêm sendo mais ou menos respeitadas em todos os tempos.

Certo é que tais regras são um **meio**, e não um **fim**. São elas que habilitam o artista a atingir o seu fim, que é expressar os seus sentimentos, as suas emoções, sem quebra da individual originalidade.

Pode ser uma só a fonte de inspiração, mas cada um deverá interpretar o motivo ao seu modo, com independência, segundo a sua capacidade e a sua individualidade.

### A Fotografia ha de ser “Clássica”

4 — A fotografia artística é um processo monóchromo, que só dispõe do preto e do branco, e das respectivas meias tintas; e por isso os motivos coloridos, ou muito luminosos, de alguma forma, escapam às suas atividades. O paisagista deve preferir os assuntos pouco iluminados, as luzes obliquas, os crepúsculos, o contra-luz, que lhe oferecem melhores oportunidades de êxito. E por isso mesmo, tem para êle, capital importância o **desenho**, a composição, a coordenação das linhas e dos valores, a “**arquitetura**” da paisagem. Não pode, pois, prescindir das regras da composição, únicos meios de que dispõe para dar ao seu trabalho equilíbrio e unidade. Não pode valer-se da regra adotada com tão boa fortuna pelos pintores impressionistas de que “a paisagem era “côr” antes de ser “**desenho**” e que a harmonia necessária à unidade ha de ser procurada na relação das tintas e não mais na disposição das linhas ou das massas”.

A fotografia não pode deixar de ser “**clássica**” em seus meios, pois, não dispondo das côres, ha de buscar a Beleza na forma, nas oposições de valores, na unidade do desenho.

A fotografia de côres — Kodachrome e outras — não obstante os seus aperfeiçoamentos atuais, não leva por isso vantagem sobre a fotografia comum, não só por suas limitadas aplicações à projeção e à estereoscopia, como principalmente porque ainda **não conseguiu libertar-se do automatismo**, não permitindo intervenção alguma do operador na sua execução. Não permite interpretação pessoal.

### A Perspectiva

5 — O primeiro cuidado do fotógrafo, ao defrontar-se com um assunto interessante, que mereça ser elevado à dignidade de “Paisagem”, é tomar em especial consideração a perspectiva.

A perspectiva é a ciência das aparências. É ela que nos transmite a sensação da realidade, tanto pela grandeza relativa dos objetos, quanto pela impressão de proximidade ou de distância.

Ha duas espécies de perspectiva: a **linear** e a **aérea**. A **perspectiva linear** deriva da constituição do nosso órgão visual, e, na arte que nos interessa, todo êste trabalho fica a cargo quasi exclusivo da objetiva.

Na fotografia artística é êste um dos mais palpitantes e discutidos capítulos, sempre tratado com ardor e erudição pelos especialistas da matéria.



Infelizmente esta ligeira palestra, por sua própria natureza, não comporta o desenvolvimento que o assunto requer e merece. E, para tristeza nossa, temos de reconhecer que a objetiva, por mais perfeita que seja, jamais alcançou a sua finalidade artística, que é **transmitir a realidade visual**. A objetiva transmite uma **realidade material**, bem diferente da realidade visual.

Os nossos olhos, por sua poderosa faculdade de acomodação e extrema mobilidade, podem abranger ângulos diversos, tanto mais abertos quanto mais próximos dos objetos. Além disso, têm os olhos um extraordinário poder de síntese, que falta às objetivas. As imagens vistas pelos olhos, ficam impressas na retina e aí persistem por algum tempo. Passando de um objeto para outro, as duas imagens, de alguma forma, se fundem uma na outra, dando à realidade visual uma certa suavidade, uma vaga indecisão, que a objetiva é incapaz de reproduzir. Numa palavra:— os olhos desprezam as impressões secundárias, simplificam, sintetizam; a objetiva — especialmente a anastigmática — em vez de simplificar, analisa demais, registra pormenores inúteis, entra em minúcias que escapam aos olhos.

Para corrigir essa falha, muitas soluções têm sido aventadas e propostas: Objetivas "FLOU", objetivas anacromáticas, objetivas de "artista", objetiva "COLOR", objetiva HEIDOSCOPE e outras.

No que diz respeito à **perspectiva linear**, recomenda-se, para quem não possui objetiva especial, o seguinte :

1.º) — qualquer que seja o tipo de objetiva, a preferência deve recair sobre as de **foco longo**, pois as de foco curto prejudicam a perspectiva por vários motivos, entre os quais soblevam os seguintes:— a) — permitem aproximação exagerada dos primeiros planos, o que acarreta uma **falsa reprodução** das grandezas relativas, aumentando exageradamente o tamanho dos objetos mais próximos e diminuindo o dos mais afastados; b) — reproduzem, no geral, com igual nitidez os diversos planos do quadro, o que equivale à aproximação aparente dos planos afastados, em detrimento da sensação de relevo e de espaço.

As objetivas com distância focal correspondente a  $1\frac{1}{2}$  (uma e meia) vezes o tamanho do lado maior da chapa ou filme, é o que tem sido aconselhado pelos doutos.

2) — Procurar sempre um ponto de vista que facilite a orientação das linhas no sentido do quadro, ou do assunto, fazendo com que as principais convirjam para o centro de interesse e **nunca para direção contrária**. As linhas conduzem os olhos para o

ponto de interesse e auxiliam o efeito de perspectiva.

Atraídos poderosamente pelas linhas principais — caminhos, cursos d'água, renque de árvores, colinas, etc. — os olhos seguem pressurosos por elas, e a impressão do observador será inteiramente satisfatória se essas linhas conduzirem para um ponto de interesse. Ao contrário, será decepcionante, se elas se desviarem e conduzirem para fora do quadro.

(Continua no próximo número).

---

---

## PROF. PAULO FLORENCE

Os últimos dias do mês de setembro ficaram assinalados por uma nota de melancolia e tristeza, ao termos conhecimento do falecimento de nosso caro e venerando consócio, o ilustre Prof. Paulo Florence.

Descendente do grande pesquisador e cientista, Hercules Florence, o nosso "Tio" Paulo — como afetivamente o chamávamos — possuía invulgar inclinação pelas Artes, destacando-se sobretudo como emérito musicista e concertista de excepcionais virtudes interpretativas. Discípulo de grandes Mestres da Europa, trazia uma notável bagagem de conhecimentos musicais, revelados através de esplêndidas composições, clássicas e populares, ao lado de uma sensibilidade artística verdadeiramente grandiosa.

"Tio" Paulo surgiu no Clube trazido pelas mãos de seu sobrinho, Arnaldo Machado Florence, e imediatamente cativou-nos pela jovialidade e brilho de seu espírito, moço, dinâmico e incansável, transbordando otimismo e irradiando simpatia. Ele ocupou, como ninguém poderia melhor fazê-lo, um lugar privilegiado em nossos corações e foi, com profunda nostalgia, que recebemos a notícia de seu falecimento.

Todavia, si já não mais podemos tê-lo em nosso convívio, para encantar-nos pela sua extraordinária cultura e deliciar-nos com as suas maravilhosas execuções musicais, te-lo-emos, entretanto, sempre rememorado, quando ouvirmos suas delicadas composições, românticas e melodiosas, ricas de sentimentalismo, criações inescquecíveis do nosso "Tio" Paulo.



# —== CARTAS DA FRANÇA ==—

Especial para o  
BOLETIM F. C. B.

Marius Guillard - C.A.P.L.

Com o presente artigo, estamos iniciando a publicação de uma série de crônicas e reportagens de autoria de MARIUS GUILLARD, destacado membro do "CERCLE D'ART PHOTOGRAPHIQUE DE LYON" e nosso correspondente na França. Teremos assim, periodicamente, em nossos futuros números, as **CARTAS DA FRANÇA** com as quais retomamos o fio da meada, num trabalho de intercâmbio cultural e artístico com a tradicional e sempre admirada França e estamos certos de que a preciosa colaboração de Marius Guillard será recebida pelos nossos leitores á altura do próprio alcance que encerra, atualizando-nos com o movimento artístico-fotográfico da velha Europa.

Vem ha tempos, o meu amigo Fernando Palmério, insistindo, em suas cartas, no sentido de proporcionar-lhes um artigo sobre as atividades fotográficas na França.

Assim, apresenta-se hoje a grata oportunidade de falar-lhes dessas atividades, no momento mesmo em que a Fotografia vem de se re-encontrar, em meu país. Com efeito, durante o período que se prolongou de 1940 a 1945, a França encontrou-se isolada dentro de suas fronteiras, o que lhe impediu de manter as tradicionais relações culturais com os países sul e norte-americanos. Concentrada, assim, sobre si mesma, suas atividades artísticas, diante da gravidade da época, foram relegadas a plano secundário, tendo mesmo sido ordenada a proibição de se fotografar ao ar livre, de modo que não querendo correr o risco de verem seus aparelhos confiscados, a maioria dos fotógrafos amadores passou a trabalhar somente em interiores, o que favoreceu os estudos de retratos e naturezas mortas.

Procedendo-se a um recuo no tempo, poder-se-ia supôr que durante aquele período, uma influência particular e inerente se tivesse feito sentir, fazendo escola, uma escola impregnada daquele realismo surpreendente que nos foi dado viver e sentir a cada instante, o qual teria sido fácil descrever em preto, branco e cinza, através da personalidade de cada um. Entretanto, tal influência não se fez sentir e, artisticamente falando, a atividade fotográfica, ao sair dessa quadra sombria, viu-se sensivelmente num ponto neutro.

Significará isto que os trabalhos artísticos aos quais se dedicam atualmente os amadores franceses são idênticos aos de dez anos passados? Não, porque estes amadores tiveram a seu alcance, repentinamente, recursos técnicos diferentes, não utilizados anteriormente na Europa, notadamente as emulsões ultra-rápidas, as objetivas "azuladas" e a técnica do sincro-flash ou do relâmpago eletrônico. Si estes meios, especialmente os dois últimos, ainda não estão difundidos entre a classe média dos amadores, permitiram, entretanto, a certos aficionados, obterem obras notáveis pela veracidade e movimento, longe, todavia, das obras-primas do americano Djon Milli, cuja recente expo-

sição em Paris foi assunto de intensa admiração e encantamento.

Entretanto, estimulados por este repentino aparecimento de novos recursos técnicos e mais ainda pela visão das possibilidades que se descortinam pela sua utilização generalizada, os amadores franceses se esforçam atualmente por abandonar os velhos caminhos até então trilhados. Este esforço, ainda muito tímido e que não conseguiu se corporificar durante o período sombrio, como acima fiz notar, vem presentemente assumindo aspecto mais concreto pelo aparecimento nas galerias das exposições francesas de fotografias de gênero e de cenas tomadas ao vivo, fotografias nas quais o realismo é ainda acentuado pela sua apresentação em papel brilhante (o que, entre outras cousas, provocou violentas polemicas entre os partidários do papel mate e do papel brilhante).

Ressalta, entretanto, que a fotografia realista não tem monopolizado para si, toda a preferencia e atenção nas Exposições e Salões; longe disso. Mas é inegável — e isto sem tomarmos partido pela fotografia realista ou não, — que a primeira tende a ganhar terreno em prejuizo sobretudo da fotografia pictórica.

Solução mais fácil, snobismo, esquecimento voluntário das leis fundamentais da Arte Fotográfica, tal como as encontramos nos livros? Algumas destas suposições não são satisfatórias e não respondem á questão exposta. Entretanto, devemo-nos render á evidência e simplesmente reconhecer que o desabrochar da fotografia realista é a consequência lógica do recente "**tranche de vie**" que acabamos de atravessar, o qual através de cada temperamento e de acôrdo com a personalidade de cada um, vem formar a estrutura invisível destas obras cheias de vida ou, ao contrário, da mais profunda desolação, e sempre em papel brilhante esmaltado.

É bem possível que estas poucas linhas não tenham esclarecido completamente os amadores brasileiros, mas resta-me a esperança que tenham ao menos contribuido para situar a posição atual da fotografia francesa no seio da grande familia da fotografia internacional.



# PONTOS NAS COPIAS

Transcrito do  
"Correo Fotografico Sudamericano"

Adaptação por LEO LEONI

Um dos defeitos que quasi sempre são esquecidos, ou pelo menos se deixa sem solucionar com bastante frequência, é o dos indesejáveis pontos que aparecem nas copias e ampliações. Entretanto, a anulação destes pontos e marcas não é complicada e o único que requer é um pouco de paciência que, aliás, é o que nunca deveria faltar aos que se dedicam á tarefa de laboratório.

Em geral, existem duas espécies de pontos que devem ser considerados antes de se dar por terminada a obra: os pontos brancos e os pretos. As causas dos mesmos devem ser tidas muito em conta, pois muitos deles poderiam ser evitados com um pouco mais de cuidado no momento de ser feita a copia do negativo. A mais comum é a sujidade ou poeira que ao se depositar sobre o negativo dá lugar á formação de pequenos pontos brancos, pois atua como cobertas para o revelador em uso. Também se produzem pontos brancos quando se depositam borbulhas de ar sobre a película enquanto se está revelando.

Se depois de revelado o filme, a poeira se deposita sobre sua superfície, ao copiá-lo ou ampliá-lo se produzem os pontos brancos, mas agora não mais sobre a película e sim sobre a copia ou a ampliação. O mesmo acontece se a poeira está depositada sobre os vidros da copiadeira ou sobre a superfície do papel de copia ou de ampliação. Porém, resumindo, podemos dizer que: a sujidade durante a revelação ou a formação de borbulhas de ar (que se evitam com uma boa agitação durante a revelação) produzem pontos brancos sobre o negativo que se traduzem em pretos na copia, e se ao contrário, essa sujidade se verifica sobre o papel de copia ou ampliação, durante o processo de reprodução positiva, então a mesma se traduz como uma série de pontos brancos sobre a imagem final.

Sabendo-se tudo isso, é muito fácil prevenir esse risco, tomando-se todas as medidas para uma perfeita limpeza.

Sem embargo, por mais precauções que se tomem, sempre aparecerão alguns pontos sobre a copia, de maneira que deveremos saber a forma de eliminá-los. Para tirar os pontos pretos, deve-se reduzir a intensidade do depósito de prata com que estão formados, até que iguale a densidade geral da área que corresponde a cada ponto. Isto se obtém por meios químicos (utilizando um debilitador comum) ou por meios meramente físicos, utilizando um raspador.

A primeira solução, por meio de um debilitador ou redutor é aplicada por meio de

um pincel bem fino, um palito ou pena, dessas usadas para pintar mapas escolares. Por meio de várias dissoluções em água, pode-se obter um bom controle sobre a tarefa de igualar as densidades entre o ponto tratado e a superfície circundante. Absorvendo então o líquido excedente, por meio de um algodão seco, se elimina a possibilidade de que o redutor continue atuando. Uma lavagem final elimina qualquer residuo de debilitador.

É muito fácil e quasi inevitável mesmo, que a redução vá além do necessário. Isto não é, porém, um inconveniente sério, pois pode ser remediado com a aplicação de corante, dissolvido em água, sobre o ponto em questão.

Usando-se o processo físico de remoção por meio de um raspador, o melhor instrumento que se pode aplicar é a raspadeira usada pelos profissionais para retocar negativos. Resultados iguais, são obtidos, outrossim, utilizando uma lâmina de barbear, cortada de forma a apresentar uma ponta muito aguçada. O processo requer apenas uma boa dose de paciência. A raspagem deve ser gradual, "acariciando" o ponto a ser retocado, até que se obtém o gráo de densidade adequado.

Não se deve pretender terminar o trabalho com rapidez, mas de maneira gradual e paciente, pois a pressa só pode estragar tudo. Si não se faz assim, pode-se mesmo provocar verdadeiras "escavações" no papel. Neste caso, ainda é possível remediar o mal, por meio de preparados especiais para o caso, ou simplesmente submergindo o papel em água quente, até que a gelatina fique com a superfície igualada. Nas copias em papel brilhante o remédio consiste em tornar a esmaltar.

O defeito mais comum das copias são os pontos brancos e existem três classes de remédio para este mal: os pigmentos, os lapis e os corantes.

Dos três, o mais aconselhável por ser o mais comum e fácil, é o último. Os corantes podem ser obtidos em três tons: negro, cinza e marron. Com eles se pode retocar qualquer tonalidade de copia. Por exemplo, uma mescla de preto e marron servirá para igualar os tons dos papeis "quentes" enquanto que o cinza servirá para quasi todos os tipos de copias.

A melhor maneira de trabalhar consiste em depositar um pouco do corante sobre uma paleta ou pedaço de vidro (de prefe-



rência branco leitoso). A intensidade da côr se controla com a adiçãõ de quantidades variáveis de água. Com um pequeno pincél, toma-se então um pouquinho do corante e aplica-se sobre o ponto branco, por meio de pequenos toques, até fazê-lo desaparecer. Aqui também é preciso fazer-se as cousas sem pressa. Si a côr aplicada for muito intensa, pode-se atenua-la facilmente com um algodão húmido, mas si for necessário remove-la inteiramente, então se torna necessário lavar toda a copia em água, pois o corante sempre penetra na emulsão.

Uma regra importante é usar o pincél o mais seco possível, o que se logra usando como paleta o pedaço de vidro a que nos referimos, pois ajuda a formar uma espécie de pasta da côr desejada.

O corante assim usado, tem o inconveniente de ser percebido quando a copia é observada obliquamente, mas ao mesmo tempo possui a vantagem de ser facilmente lavado, em caso de erro. Se a copia, depois de retocada, for envernizada, então os vestígios do retoque não serão visíveis nem mesmo observando-a de um ângulo muito obliquo.

De passagem poderemos lembrar que os corantes servem muito bem para modificar os tons gerais das copias, reforçar linhas no cabelo dos retratos, marcar as sobancelhas e cílios, etc..

Finalmente, a aplicação de verniz que atrás mencionamos, servirá para preservar o retoque e também dar mais brilho e vida á copia ou ampliação.

---

## C O N C U R S O « S E S C »

### Exposição dos Trabalhos na Galeria Prestes Maia

Conforme anunciamos, inaugurou-se no dia 6 de setembro p.p., na Galeria Prestes Maia, a exposição das fotografias colhidas pelos associados do Clube em Bertiõga — Colonia de Férias "Ruy Fonseca", do SESC, quando da excursão realizada naquele aprazível recanto do nosso litoral.

À cerimonia de inauguração compareceram o Dr. Brasílio Machado Neto, Presidente da Assembleia Legislativa e do Conselho Regional do SESC, deputados Da. Conceição Santamaria e Joviano Alvim, Dr. Ruy Nogueira Martins e José da Costa Boucinhas, da Associação Comercial, Angelo Parmigiani, Presidente da Federação dos Empregados do Comércio, além de Conselheiros do SESC, Diretores e associados do F. C. Bandeirante e elevado número de convidados.

Os trabalhos expostos, focalizando os pontos mais pitorescos, paisagens, cenas típicas, marcos históricos da velha vila, bem como aspectos arquitetônicos e flagrantes da vida social daquela magnífica estancia de repouso, constitue um valioso e artístico documentário fotográfico sobre Bertiõga e a Colonia de Férias do SESC, tendo sido os concorrentes vivamente felicitados pelos ilustres visitantes.

A exposição permanecerá aberta durante um mês, de maneira que o público poderá, através de quasi uma

centena de magníficas fotografias, apreciar a monumental obra que constitue a Colonia de Férias do SESC, cujas características próprias e unicas a colocam em primeira plana dentre as congeneres.



No cliché acima, um grupo feito por ocasião da inauguração, vendo-se o Dr. Brasílio Machado Neto e a deputada Da. Conceição Santamaria ladeados por nosso Presidente e os consócios Francisco Albuquerque, Carlos F. Latorre, Randolpho Homem de Mello e Masatoki Otsuka, vencedores de alguns dos premios do concurso instituido por aquela instituição.



# III Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Assegurado, desde já, extraordinário êxito —  
O Juri de Seleção — Outras Notas.

Quando afirmamos haver o nosso Clube e o Salão Internacional por êle promovido alcançado posição de grande relevo no cenário mundial da Arte Fotográfica, a muitos, talvez, ainda poderá parecer que se trata de afirmação graciosa, de méra propaganda, ou simples manifestação de espírito clubístico.

Os que privam conosco, sabem entretanto, não ser esse o nosso hábito. E para confirmar esse juízo, expresso, aliás, por severos críticos especializados, do país e do estrangeiro, aí estão os números já registrados pela Secretaria do Clube, no tocante às inscrições ao VIII Salão Internacional a se realizar no próximo mês de Dezembro.

Com efeito, e para nos atermos apenas à participação alienígena, ainda não estão encerradas as inscrições — o que se dará a 30 de Setembro próximo — e o número de concorrentes, só do exterior, ultrapassou a casa dos 200, com cerca de 750 trabalhos inscritos, ou seja, números superiores aos do ano anterior e que marcam a maior concorrência já registrada desde quando o Foto-cine Clube Bandeirante teve a feliz iniciativa de dar caráter internacional ao seu certame, abrindo assim novos horizontes à arte fotográfica no Brasil.

Trabalhos oriundos dos quatro cantos da terra, da China, da Índia, da Austrália, da Finlândia, do Canadá e Filipinas, representando 30 países, aí estão para, ao lado daqueles apresentados pelos aficionados do Brasil, nos brindarem com um Salão magnífico que possibilitará ao público em geral e em especial aos estudiosos e amantes da fotografia artística, uma ampla visão do elevado nível atingido pela difícil arte do branco e preto. Nomes dos mais prestigiosos, autores de reputação internacionalmente firmadas, entidades as mais categorizadas de todo o mundo, estão presentes ao salão paulista, conferindo-lhe, uma vez mais, a categoria e prestígio de ser, no gênero, o maior e mais importante certame sul-americano.

Não temos dúvidas, pois, em afirmar que o próximo VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, marcará mais um retumbante êxito, atraindo novamente para a Galeria Prestes Maia, milhares e milhares de visitantes.

Assim é que para formarem a comissão de seleção do VIII Salão, foram designados os Snrs. Angelo F. Nuti, Eduardo Salvatore, Francisco A. Albuquerque, Jacob Polacow e José V. E. Yalenti. Como vemos, nomes de sobejo conhecidos e cujos méritos já foram consagrados através de importantes exposições nacionais e estrangeiras, e que, por si sós, são uma garantia do êxito dos trabalhos de seleção.

Assim que estiverem encerradas as inscrições dará início o Juri do Salão aos respectivos trabalhos, cujos resultados serão em seguida comunicados a todos os concorrentes, como de costume.

**INTENSIFICADOS OS PREPARATIVOS FINAIS —**  
Por outro lado, vem a Diretoria do F. C. B., tomando todas as medidas para que a apresentação do VIII Salão se revista de todas aquelas características que o tornaram a exposição artística mais visitada e admirada de quantas se realizam em nossa Capital. Os menores detalhes vem sendo cuidadosamente estudados e preparados.

Dentre estes, outra inovação que será motivo de interesse para o visitante, é a "Galeria dos Expositores" quadro de honra, por assim dizer, onde estarão afixados os retratos pessoais dos expositores, com a indicação de seus nomes e procedência. Muitos foram os concorrentes que atenderam á solitação do Clube nesse sentido, e ali poderemos melhor conhecer os maiores "azes" da fotografia artística, na atualidade. É grande, por isso mesmo, a curiosidade em torno da "Galeria dos Expositores" outra interessante iniciativa do nosso Clube que alcançou, como as demais, pleno êxito.

Como tem sido anunciado, as inscrições para o VIII Salão serão encerradas, impreterivelmente, á 30 de Setembro p. vindouro, e a Secretaria do Foto-cine Clube Bandeirante, á R. Avanhadava 316, atenderá com prazer toda consulta ou pedido de informações.

---

## AS FOTOGRAFIAS DO MÊS

**O JURI DO SALÃO —** Tarefa sobremodo difícil e ingrata a de selecionar, entre cerca de um milheiro de bons trabalhos, os que mais sobresaem do conjunto, de maneira a merecerem a preferencia para exposição.

Por isso mesmo, a organização do juri do Salão, mereceu sempre da Diretoria do F. C. Bandeirante a máxima atenção, para ele sendo indicados artistas-fotógrafos de reconhecida capacidade e critério.

Sob a epígrafe acima, o Boletim reproduzirá todos os meses, algumas das fotografias que melhor classificação obtiverem nos concursos internos do Clube, nas várias categorias em que se dividem os concorrentes.

Ilustram este número, trabalhos apresentados no concurso relativo ao mês de Agosto p.p., sob o tema: **NOTURNOS.**

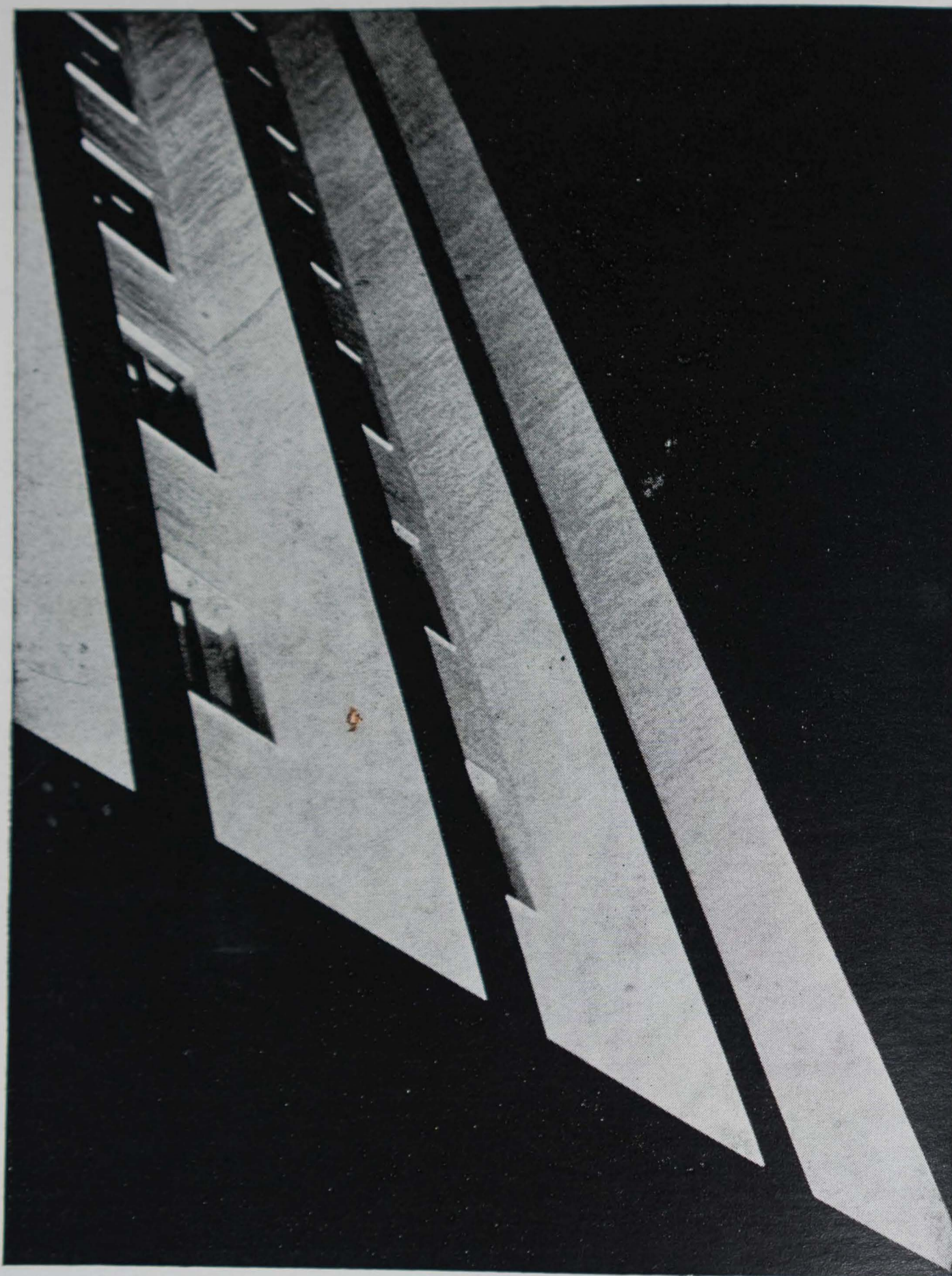


*As Fotografias do Mês*



"À MARGEM DA VIDA"  
Francisco Albuquerque





**"ILUMINAÇÃO"**  
Roberto Yoshida





"NOTURNO"  
Sergio Trevelin





**"AMIGO DA ONÇA"**  
Abilio M. Castro Fº.



# Eduardo Salvatore "vítima" de uma surpresa

Eduardo Salvatore é um homem afeito às lutas em campo aberto. Não o seduzem as maquinações cavilosas nos vales traiçoeiros ou a estratégia sinuosa das vertentes alcantiladas.

Foi por isso que os seus companheiros de Diretoria, conhecedores desta faceta, resolveram apanhá-lo de emboscada para prestar-lhe uma homenagem que já se tornava tardia. E como o fim justifica os meios, não acreditamos que devam se penitenciar por terem cometido essa pequena traição.

De resto, aqueles que conhecem Eduardo Salvatore, sabem muito bem que não se poderia ferir a sua modéstia impunemente, desde que lhe facultassem algum meio de frustrar o intento. Só mesmo a tática da surpresa...

A todos que acompanham o esplêndido movimento de Arte Fotográfica no Brasil, dois fatos de suma relevância, não terão passado despercebidos: 1.º — que a Arte Fotográfica vem conquistando o seu lugar de destaque em nossos meios intelectuais e artísticos, graças a sua própria e vertiginosa evolução no terreno da estética; 2.º — que a célula matter, o centro de irradiação desse surto maravilhoso, sem favor ou sombra de dúvida, é São Paulo, numa confirmação eloquente do vaticínio de Sahara Bernhardt, que ha anos passados aqui localizou a capital artística do país.

O que, entretanto, muitos ignoram, é o papel que um homem desempenhou neste decênio aureo da Arte Fotográfica brasileira, como elemento aglutinador e unificador de esforços e iniciativas que sem o magnetismo e a atração da sua personalidade, permaneceriam esparsos e carentes de unidade.

Não diremos do seu desprendimento, sacrificando interesses pessoais em prol de uma causa. Não enalteceremos a soma de trabalho de que se fez credor, nesses dois lustros de labor incansável, o que de per-si justificaria a gratidão dos fotógrafos brasileiros.

Atenhamo-nos á sua tremenda influência catalítica nesta síntese, em que valores e tendências tão dispares entram em reação na retórta que é o movimento Foto-Artístico, entre nós.

Sereno e complacente, compreensivo e conciliador, afinando ao mesmo tempo pelo diapásão de toda uma orquestra, é regente e solista, sempre buscando o máximo de harmonia na partitura a executar.

Não se interponham, entretanto, as forças do mal, pois a transmutação será pronta e vivaz, surgindo o esgrimista ágil e certo, combativo guardião das causas nobres.

Mais do que desprendimento, mais do que trabalho, representa esta chama que sempre o ilumina e que fez de Eduardo Salvatore um marco de referência quando se pensa em Arte Fotográfica no Brasil. Um e outra estão imperecivelmente amalgamados.

Como artista-fotógrafo, Eduardo Salvatore formou no pelotão da vanguarda internacional. Como crítico, representa uma das opiniões mais abalizadas e criteriósas. Como articulista, basta citarmos ser ele a viga méstra do nosso Boletim. Como líder, é o maior responsável pela projeção e engrandecimento do F. C. Bandeirante.

Este o homem a quem os seus companheiros desejaram significar a sua justa admiração.

Valendo-se, pois, de sua ausencia da Capital, em 30 de julho p.p., o Vice-Presidente do F. C. B. convocou uma reunião extraordinária da Diretoria, em carater sigiloso, quando, por unanimidade, foi aprovada a proposta de ser dado o nome de EDUARDO SALVATORE á sala onde funciona a Biblioteca da Entidade, em sua séde própria, á R. Avanhandava n.º 316.

Tudo foi deligenciado de modo que o homenageado só viesse a ter conhecimento do que havia sido deliberado, no momento mesmo da inauguração da placa alusiva.

A cerimônia, singéla e simples, realizou-se a 10 de setembro p.p., quando a séde se encontrava repleta de sócios e respectivas famílias, todos solidários com a homenagem a Eduardo Salvatore.

Para não comprometer o sabor da surpresa, Salvatore foi retido na sala da Secretaria sob o alibi de uma deliberação urgente, onde foi procurado por uma comissão de senhoras e convidados a se dirigir ao andar superior do prédio, onde se encontra a biblioteca.

Recebido por calorosa salva de palmas, foi, então, saudado pelo nosso companheiro Jacob Polacow, como interprete dos sentimentos de todos os amigos e companheiros de lutas, de cuja oração destacamos o seguinte período:

"Homenageamos o moço Eduardo Salvatore que, no seu desprendimento, lança um repto a toda uma época em que os interesses materialistas se colocam acima dos anseios mais puros, dando lugar ao entre-choque das paixões desenfreadas. Homenageamos a Eduardo Salvatore que na sua força de querer, constituiu-se em porta-bandeira daqueles que trocam o seu bem estar, conforto e comodidade para servir a uma causa — a da Arte Fotográfica no Brasil. E, si esco-

(Conclue na pág. 23)



## 2.º SEMINÁRIO DE ARTE FOTOGRAFICA

Tal como havíamos anunciado, realizou-se a 8 de setembro corrente, o 2.º Seminário de Arte Fotográfica, na sede do Foto-cine Clube Bandeirante, á R. Avanhadava 316, nesta Capital.

Á vista do êxito alcançado pelo Seminário anterior, não foi de extranhar a acorrença invulgar que se notou, chegando os interessados e participantes a tomar literalmente a sala destinada a essa reunião.

Com respeito aos trabalhos levados a debate, acreditamos que a Diretoria do F. C. B. não poderia ter sido mais feliz na sua escolha. Esta foi, o que se poderia chamar de "bem dosada". Trabalhos abrangendo gêneros e temas diferentes da Foto-Arte, de autores de tendencias diversas, dando campo, por isso mesmo, a debates fascinantes e movimentados.

O orientador, por sua vez, agiu com muita perspicácia, sabendo tirar partido dos pontos fortes e fracos de cada trabalho e conduzindo os debates de modo a extrair de cada autor a maior soma possível de informações sobre as suas observações e experiencias pessoais, além de focalizar, com muita oportunidade, o que resultava de essencial sobre a matéria.

Graças á habilidade e tirocínio do orientador, resultaram discussões oportuníssimas sobre temas básicos da Arte Fotográfica, como sejam: MOVIMENTO, RITMO e CONTEÚDO.

Não ha que negar constituirem os Seminários uma das atividades de maior alcance das que vêm sendo postas em prática, últimamente, pela Diretoria do Bandeirante e, assim sendo, concitamos todos os associados a deles participarem, na certeza de que colherão esplêndidos e imprevistos resultados para seu próprio adiantamento.

Impossível, por sua própria natureza, o registro total desses interessantíssimos debates. Entretanto, damos a seguir um resumo das anotações colhidas pelo nosso companheiro Antonio S. Victor, por ocasião do 2.º Seminário, que ilustrará, de certo modo, como foram conduzidos os trabalhos.

\* \* \*

**ORIENTADOR: EDUARDO SALVATORE**

**1.º Trabalho:**

**AUTOR: PLINIO S. MENDES**

Técnica: Aparelho Ikonta, 4,5x6 — Obj. Tessar-Filme Plux X — Sem filtro, com parasol. Local: Ponta da Praia — Revelação do negativo e ampliação em casa comercial, aquela apresentando alguma granulação.

PLINIO — Explica ter tirado a fotografia como variante ás inúmeras outras que tomara na mesma ocasião e que classificava de "documentários para album de família". A cena apresentava tantos atrativos que

ele não poudede deixar de registrá-la ainda que se tratasse de um assunto bastante explorado e conhecido. Acentua que, conforme allás já fôra julgado pelo juri do último concurso, o papel empregado não foi muito adequado.

ORIENTADOR — Sallienta a necessidade de o tipo de papel ser cuidadosamente escolhido e adequado ao gênero de fotografia e ao rendimento que dela se quer obter, para a tradução feliz das tonalidades que se pretende adotar. No caso, p. ex., tratando-se de uma cena marinha o papel brilhante seria dos mais indicados pela maior facilidade que tem de registrar maior número de tons. Quanto á fotografia em apreço, esclarece que a fotografia não é tão modesta como o autor sallientou e até oferece qualidades artisticas accentuadas, conseguindo por isso mesmo transmitir emoção a quem a observa, principalmente pelo contraste entre as pequeninas figuras e a grandiosidade da natureza, realçada ainda pela dramaticidade decorrente das nuvens carregadas daquele pôr de sol.

PLINIO — Observa não ter usado filtro algum, pois caso contrário poderia accentuar ainda mais as nuvens.

ORIENTADOR — Fala sobre o emprego de filtros, esclarecendo que, no geral, os filmes pancromáticos por si sós registram com muito bom rendimento o desenho das nuvens também e principalmente nos casos de contra luz como o que é mostrado pelo trabalho em discussão. As vezes, mesmo, o emprego dos filtros, vem falsear o efeito, fazendo com que as nuvens se tornem demasiadamente fortes. O uso dos filtros deve ser feito muito cuidadosamente e não a esmo.

ALBUQUERQUE — Formula considerações gerais e embora concordando com o que disse o orientador quanto ao uso dos papeis, sugere que o autor faça outra ampliação com maior densidade, "queimando" mais as nuvens e o mar, aumentando assim o eu efeito.

**2.º Trabalho**

**"ENSAIO DE BALLET"**

**AUTOR: THOMAZ J. FARKAS**

Técnica — Ap. Rolleiflex, Tessar 3,5 — Filme Super XX — Tempo exp. 1/10 — Interior, Sem flash.

AUTOR — Já se havia interessado em explorar a fotografia do ballet, assunto que na sua opinião oferece variações inúmeras. Geralmente as fotografias de ballet registram o movimento das bailarinas inteiramente "congelado". Já agora surgem aqueles artistas da fotografia que preferem o registro desses movimentos sem aquele rigor da absoluta nitidez, fazendo-o porém, com partes borradas: as pernas, a cabeça, as mãos, etc.. O trabalho em apreço é componente de uma série tirada e o autor afirmou não ter tido qualquer concepção anterior. Gravou diversas chapas e por felicidade gravou aquela.

ALBUQUERQUE — Chama a atenção para um detalh expressivo: o contraste existente entre as duas figuras centrais da fotografia: a bailarina em plena evolução e o mestre do ballet inteiramente estático o que faz a vista se deslocar de uma para outra quasi sem descanso. Depois, o autor ainda conseguiu manter uma proporção adequada para ambas.



**AUTOR** — Informa que estava cogitando de "explorar" a figura do velho diretor, jogando com a silhueta que se formava contra os espelhos da sala iluminados pela luz que entrava da janela. Variando os ângulos de tomada, todos eles baixos, ao réz do chão, procurou dar maior ênfase á figura enquadrando-a com a passagem das bailarinas no decorrer das suas evoluções.

**POLACOW** — Friza ser muito comum surgirem tendências tipicamente inovadoras em todas as manifestações artísticas as quais, no seu início, sofrem restrições e embaraços de toda sorte até atingirem um nível geral de aceitação e passarem mesmo, ás vezes, a verdadeiros dogmas. É o caso das fotografias de Farkas onde ele explora o movimento das figuras, como elemento principal, sem fazer dele o mesmo jogo que até frequentemente se conhecia de "congelá-lo" rigorosamente, muitas vezes falseando por completo a sensação de atividade, de dinamismo da figura. No caso presente, havia o jogo das figuras, de forma artisticamente avançada sem contudo haver quebra dos princípios básicos da composição, da atração emotiva.

**GERALDO** — Contesta, dizendo que essa técnica conduz frequentemente a resultados confusos e prejudiciais á harmonia do quadro. A atitude do modelo, a composição, o rictus muscular, por si sós, dão a sensação do movimento. Cita, como exemplos, algumas estátuas que dão a sensação de grande e pleno movimento e no entanto são absolutamente estáticas.

**ORIENTADOR** — Condensando os debates resume as duas teorias em choque: uma, mais moderna, e que vem sendo praticada por vários fotógrafos inclusive Farkas, em que o movimento é "mostrado" pela deslocação do motivo principal e mediante uma larga exposição, com o aparelho fotográfico praticamente imóvel; a outra em que o movimento é "sugerido" seja pela composição, pelo dinamismo da própria figura, seja por vezes, utilizando uma exposição mais rápida e acompanhando-se a deslocação do assunto com o visor da máquina de maneira a que só o fundo apareça borrado. Desse entretanto choque de teorias, por certo resultará algo de muito interessante.

### 3.º Trabalho

**AUTOR: JACOB POLACOW**

**Técnica** — Rolleiflex — Tessar 3,5 — Filme Plus X 1/25 — f.11/16 — Revelador DK 20 um pouco interrompida a revelação — Papel Velour Black revelado em D72, um pouco diluído, porquanto o negativo tendo grande latitude exigia o emprêgo de revelação que melhor permitisse o registro de todas as tonalidades que o papel oferecia.

Explica que o trabalho lhe foi sugerido pelo ritmo que os cabos de aço enrolados oferecia e do qual procurou tirar partido.



Aspecto colhido durante o 2.º Seminário, no Salão Nobre do F. C. Bandeirante.

Respondendo á uma indagação do orientador, o Autor tem oportunidade de esclarecer que o Ritmo, na fotografia, como em todos os ramos da Arte, consistia no emprêgo de elementos plásticos, obedecendo uma sequência, por assim dizer, quasi que musical. Ele poderia ser contínuo, alternado ou até mesmo interrompido.

**LAERTE e ALBUQUERQUE** — Tecem diversas considerações ligadas aos problemas do Ritmo na fotografia, apresentando objeções e salientando verem no trabalho em exame uma obra tipicamente de ritmo descendente, como podiam sentir a natural evolução dos olhos, partindo da parte superior da fotografia até alcançar sua base.

**AUTOR** — Acolhe as observações e esclarece que se assim sentem os colegas é porque evidentemente não foi feliz em realizar o trabalho, porquanto estava jogando com tons luminosos da parte superior para fazê-los decrescer gradativamente até alcançar as massas mais densas da parte inferior. Com essa orientação, julgava fazer deslocar o interesse visual do espectador tendo como ponto de início aquela fonte de luz até atingir o limite máximo inferior.

**ORIENTADOR** — Indaga ao autor si julga ser o Ritmo essencial como elemento funcional da composição.

**AUTOR** — Afirma ser indispensável o ritmo como elemento da composição. Ele surge manifestando quer um sentimento de agitação, quer como repouso, ainda como grandiosidade. Quanto mais expressivo ele for, melhor será a qualidade artística do trabalho e si aliado á luz, o mesmo se poderá afirmar. Respondendo á uma indagação esclarece o autor que não é necessário que o ritmo seja bem aparente, pela repetição de um motivo, p. ex., uma colunata, mas pode estar subtendido.

### 4.º Trabalho

**D. MENHA POLACOW**

**Técnica** — Contax — 1/125 — f./8 — Foco infinito — Filtro amarelo — parasol — Panatomic X.



AUTORA — Realizou o trabalho por ter ficado impressionada com o desenho formado pelas ondas e o contorno da praia.

ORIENTADOR — Apresenta a sugestão de um corte na parte inferior para não quebrar a continuidade das linhas, as quais são perturbadas em seu interesse emocional, pela presença das figuras dos banhistas. Via no trabalho um caso típico do pouco traquejo da autora, cujos passos iniciais vem dando aliás, com grande acerto, em enquadrar satisfatoriamente, no próprio visor da máquina, todos aqueles elementos essenciais à boa composição, reduzindo ao mínimo o trabalho de corte final para a ampliação. O amador mais traquejado, raciocina com muita rapidez e elimina com facilidade os elementos negativos da enquadração básica, o que lhe dará menor preocupação quando tiver de realizar o corte definitivo. Via na composição muito boas qualidades e só podia apresentar a sugestão a que já se referira.

#### 6.º Trabalho

DR. ALFIO TROVATO

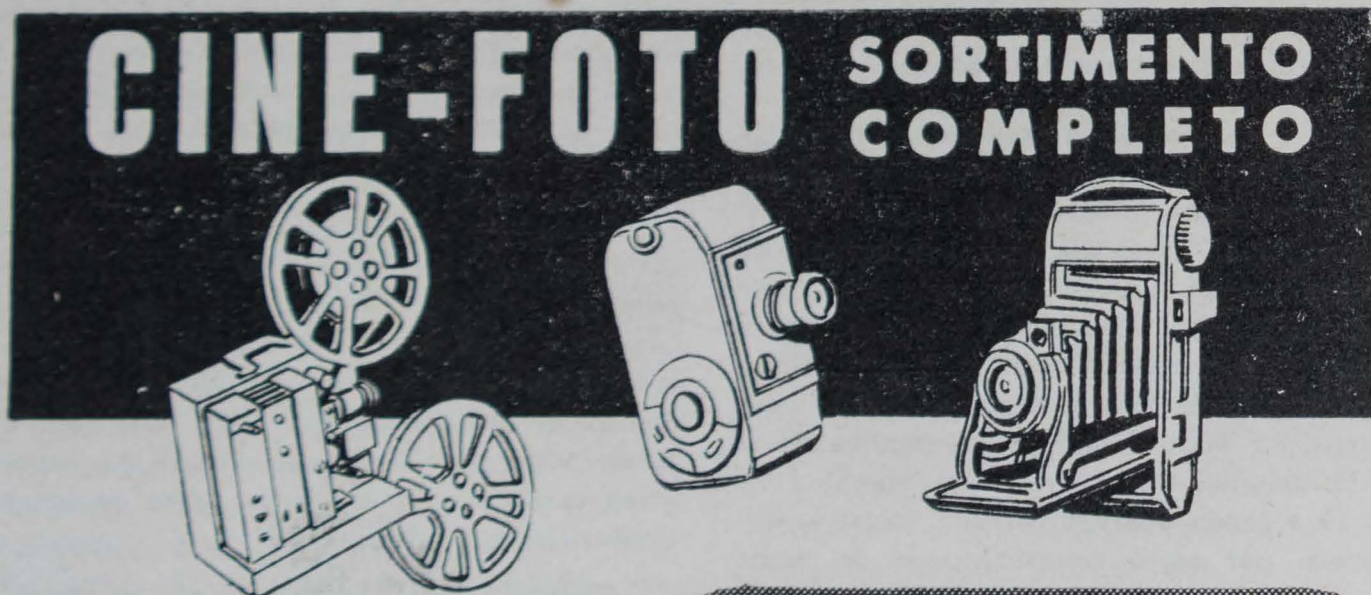
Técnica — Rolleiflex — Tessar 3.5 — Anso Supreme — Filtro vermelho — Parasol — Revelação em

microdol e um pouco acentuada. Papel Veltura, com revelador um pouco denso, motivo porque a ampliação não se apresentava mais suave. Usou ainda máscara para proteger algumas partes da fotografia, como o arbusto, que constitui ponto de interesse na composição. Acrescentou ter ouvido observações quanto ao pequeno "fôra de foco" da árvore, e pedia o parecer dos "doutos".

ORIENTADOR — Observa que a árvore constitui um elemento complementar e contribuiu para maior equilíbrio de toda a fotografia, sendo portanto desprezível o desfoque pequeno que ela apresentava. Por outro lado, o diafragma empregado permitiu um registro mais perfeito dos detalhes das pedras em primeiro plano, elemento principal do quadro, contribuindo para maior dramaticidade.

POLACOW — Comenta o trabalho, dizendo ver nele uma verdadeira e valiosa síntese, de um conteúdo inestimável e de um simbolismo excepcional.

ORIENTADOR — Observa não ser só a técnica apurada o principal elemento da fotografia e sim o assunto por ela registrado, o "conteúdo espiritual" do trabalho, capaz de proporcionar maior ou menor sensação no espírito do observador e capaz de atraí-lo e fazê-lo admirar a obra que tem a sua frente.



- PROJETORES MUDOS E SONOROS
- CÂMARAS CINEMATOGRAFICAS
- FILMES PARA PROJEÇÃO
- ACSSÓRIOS E FILMES VIRGENS
- MÁQUINAS FOTOGRAFICAS DAS MELHORES MARCAS
- REVELAÇÕES E AMPLIAÇÕES

*Assista a uma demonstração dos mais modernos aparelhos cinematográficos em nossa sala de exibições, climatizada com*

**AR CONDICIONADO**

**Remington**

**CASSIO MUNIZ S.A.**

IMPORÇÃO E COMÉRCIO - Praça da República, 309 - Tel. 4-7141

Ag. Pettinati



## COMPOSIÇÃO CINEMATOGRAFICA E O CINEMA

Mr. DIM

Como succede em qualquer outra manifestação artística, também o cinema em sua evolução, apresenta fatores diversos que não escapam à observação do estudioso — em suas primeiras manifestações — e que depois acabam também se tornando de âmbito universal.

Quando a sonorização dos filmes teve início, o público afluía às salas de projeção movido por uma natural curiosidade e saía encabulado por mais essa conquista do homem. O estudioso, em seu campo especializado, entendia que tudo aquilo era bastante empírico e nada oferecia de excepcional e até mesmo se achava repleto de imperfeições de toda sorte.

O mesmo succedeu com a fotografia no cinema. Das enquadrações rigorosamente imutáveis, em que os artistas unham de representar dentro e somente até o limite extremo do palco de filmagem, obedecendo rigorosamente à capacidade limitada do campo focal das primitivas lentes, passamos agora, em nossos dias, às mais arrojadas realizações.

Quando podemos assistir a qualquer filme da época primitiva do cinema, vemos como se relegava a um plano bastante inferior o valor da fotografia como elemento de ordem artística. O que pesava e interessava ao diretor, era exclusivamente o jogo dos personagens, com aquela riqueza da mímica e confinado às limitações que eles já conheciam. O fator fotografia, constituia elemento bastante remoto.

Filmavam-se as cenas. Isto era o suficiente.

A produção de novos acessórios, novas lentes e a necessidade que sentiam os cineastas de fugir áquele congelamento da ação cinematográfica — afogada entre quatro paredes de um stúdio — introduziram novos elementos na fotografia do cinema, desfrutando o natural progresso que a própria fotografia, como tal, lhe permitia. As primeiras manifestações artísticas dos fotógrafos, amadores ou profissionais, provocaram discussões calorosas e não menores foram elas, quando os mais corajosos cinegrafistas passaram a movimentar em panorâmicas muito tímidas as suas cameras, acompanhando o artista em sua peregrinação pelo palco de filmagem. Esta inovação, já exigia do fotógrafo a preocupação de enquadrar melhor as cenas afim de não ter de repeti-las, economizando material e tempo. Si no início essa preocupação se restringia ao valor material, mais tarde ela se tornou impres-

dível e passou a ser avaliada como fator essencialmente de cunho artístico.

Há algum tempo atrás ouvia-se o comentário: “— Não gostei da fita, mas apreciei a fotografia”.

Si essa observação era formulada, evidentemente seu autor ainda guardava impressões bastante nítidas dos efeitos pictóricos que seus olhos haviam recolhido ao assistir o filme. Si não lhe impressionara a história, a fotografia bem cuidada lhe ofereceu a distração que procurava. Por outro lado, si nem esse fator existisse, com toda certeza o nosso personagem sequer teria completado a apreciação total do filme. Teria abandonado o cinema e lastimado o tempo que perdera.

Vamos, portanto, procurar conhecer quais os elementos que tanto agradaram ao espectador. Seria a iluminação? Seriam os ângulos arrojados? Teria sido a extraordinária mobilidade da camera? Poderiam todos eles estar presentes, sem que se tivesse atingido o mesmo grau de qualidade artística. Por que motivo? Pela ausência de uma enquadração, de uma composição fotográfica adequada.

Si a fotografia artística exige a observância de uns tantos princípios fundamentais de composição, elementos que permanecem estáticos na obra final, já a fotografia cinematográfica requer a aplicação desses mesmos princípios em forma absolutamente dinâmica. Porém, o cinegrafista não pode fazer de cada um dos fotogramas uma obra artística e, si o desejasse, ao terminar o filme poderia encerrar sua carreira, porquanto já fôra autor de milhares de obras-primas, como tais considerados cada quadrinho por ele filmado. Nessa impossibilidade, seus quadros deverão aproveitar a composição fotográfica como elemento fundamental, empregando-a em razão da própria ação filmada, jogando com ângulos que melhor interpretem a cena ou idéia que se está registrando. Da mesma forma, o estudo da iluminação para cada personagem, deverá merecer carinhoso cuidado, procurando-se empregar aquele tipo que melhor reproduza a personalidade do intérprete, sempre em função do tema da história.

Já temos assistido películas em que a fotografia, acompanhando em ritmo acelerado todo o dinamismo de uma ação, não deixa de oferecer encantamento aos nossos olhos, reproduzindo com a maior fidelidade e sem artificialismo determinados ambientes. Não foi facil e nem foi ela realizada



de afogadilho. Em maquetes ou "in-loco", o operador procurou os melhores ângulos e experimentou diversas lentes, para encontrar e fixar os pontos que pudessem melhor contribuir para os efeitos pictóricos que ele pretendia reproduzir, sem fugir porém ao conteúdo do enredo e mantendo a fotografia em função do próprio filme. Quando é possível atingir tal grau de perfeição, outra frase vamos ouvir: "— O filme é notável".

Sim. Ele será notável, porque houve a entrosagem ideal entre o diretor do filme e o cinegrafista, perfeitamente sincronizados e "sentindo" cada uma das cenas que filmaram, extraindo delas tudo aquilo que possa impressionar o espectador, não só sob o ponto de vista da própria interpretação dos artistas, como também dos efeitos que em torno deles a fotografia pode realizar. Si cada um dos "astros" conseguiu "viver" sua parte, a fotografia também lhes deu esse cunho "real", colocando-os num ambiente em que somos capazes de reconhecer a "casa de um nosso amigo", "o hotel onde residimos", "a boite onde dansamos", etc., etc..

Essa impressão só será possível, si o arranjo dos quadros tiver merecido um cuidado especial e que o fotógrafo pode traduzi-los com espontaneidade. Já temos visto o sucesso de tantas películas, do gênero neo-realista, nas quais o cinegrafista explora a própria natureza, as ruas, as casas, os portos, como elementos essencialmente composicionais, integrando-os de tal forma, que somos levados à impressão de estarmos "vivendo" aquela história. A ausência quasi

completa de artificialismo, colabora para aumentar essa nossa impressão, acrescentando valores indiscutíveis à obra filmada.

No entanto, si passarmos a analisar a composição de um filme tipicamente construído, como é o caso das fantasias musicais, vamos chegar à conclusão: artificialismo absoluto, porém, com efeitos pictóricos sumamente agradáveis. Ainda uma vez, a composição foi estudada com carinho: iluminação, "travellings", ângulos, lentes de campos focais diversos etc., tudo foi muito bem dosado e utilizado, visando a reprodução quasi "fantástica" de um assunto por si mesmo "fantástico".

Ao amador que realiza seus documentários, ou até mesmo aqueles mais evoluídos que já filmam suas pequenas histórias, não terá passado despercebido o papel importante da composição fotográfica na apresentação final da sua obra. Ele já o tem muito bem localizado em sua mente e o faz "viver", empregando todas aquelas virtudes artísticas inatas em seu temperamento, o que resultará na transposição, para o cinema, de todas as sensações pictóricas que sua sensibilidade soube captar, dando-lhes uma interpretação adequada e proporcionando momentos de encantamento espiritual aos demais.

Si o profissional tem em tanta conta o fator "composição fotográfica no cinema", não menor deverá ser, por parte do amador, seu interesse, notadamente si o move o desejo de fornecer aos seus amigos bons filmes, técnica e artisticamente falando.

---

---

## Atividades do F. C. Bandeirante para outubro

Dia 8, sábado, às 16,30 horas, SESSÃO CINEMATOGRAFICA com o filme "RANCOR", da R.K.O., com Robert Young, Robert Ryan e Robert Mitchum. Direção de Edward Dmytryk.

Dia 10, segunda-feira, às 20,30 horas, SESSÃO CINEMATOGRAFICA com filmes amadores de autoria dos sócios. O Diretor Cinematográfico solicita a gentileza de lhe serem confiados antecipadamente os filmes a serem projetados.

Dia 13, quinta-feira, às 20,30 horas, 3.º SEMINÁRIO DE FOTOGRAFIA.

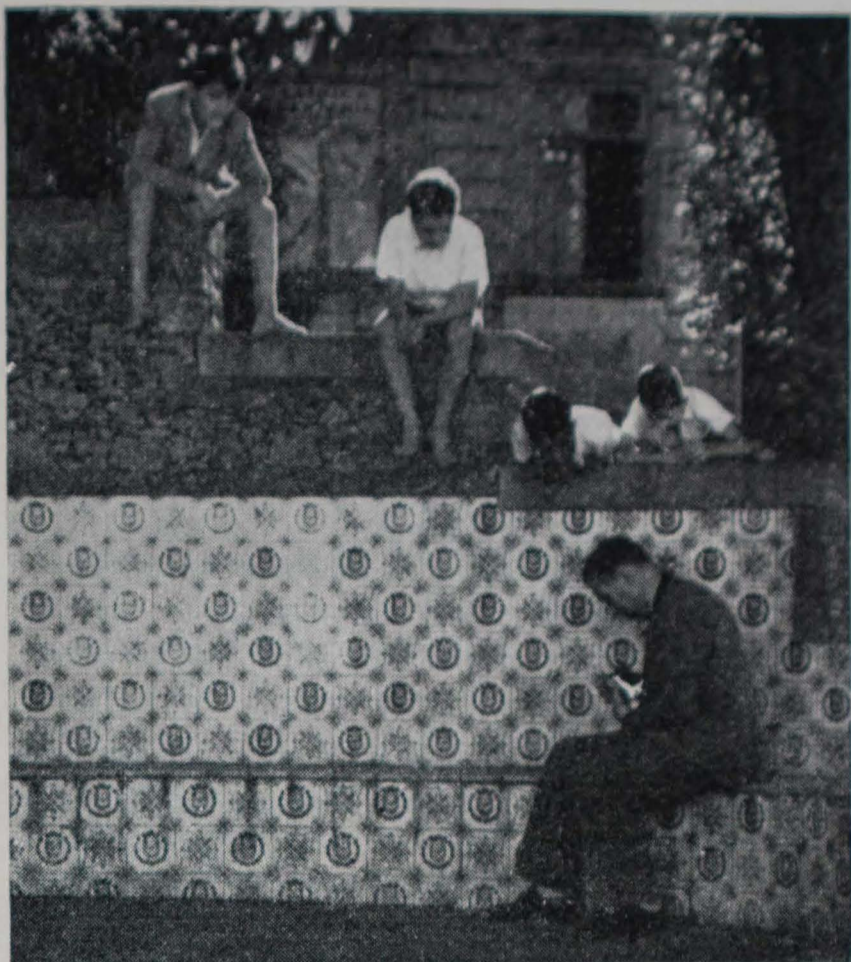
Dia 20, quinta-feira, às 22 horas, encerramento de inscrições para o concurso mensal de fotografias sob o tema "CRISTAIS E METAIS" e do 3.º CONCURSO DE DIAPOSITIVOS EM CORES.

Dia 22, sábado, às 16,30 horas, SESSÃO CINEMATOGRAFICA, com a projeção do filme "ASILO SINISTRO", da R.K.O., com Boris Karloff. Direção de Mark Robson. — NOTA: O filme não é próprio para menores.

Dia 24, segunda-feira, às 20,30 horas, julgamento do 3.º Concurso de Diapositivos.

Dia 27, quinta-feira, às 20,30 horas, julgamento do Concurso Interno de fotografias: "CRISTAIS E METAIS".





O paulistano é um tipo curioso, e essa curiosidade aumenta ainda mais quando ele vê um dos nossos colegas "trabalhando". Já houve casos de paralização do trânsito, que ficaram celebres no Clube — Anderaos, Farkas, Yalenti... Mas com o Fiore a coisa não chegou a tanto. Outro dia andava ele pela cidade colhendo algumas cenas quando teve de trocar o filme. Sentou-se ali no Obelisco do velho Piques, e... logo depois pequenos "fiscais" acompanhavam atentamente seus preparativos... O Yalenti que se encontrava junto não perdeu tempo e gravou o interessante flagrante que acima estampamos.

—●—●—●—

EDUARDO SALVATORE

(Continuação)

lhemos a bibliotéca para dar-lhe o nome, foi porque, tratando-se de um recinto privativo do saber e da cultura, o simbolismo não poderia ser mais justo".

Procedeu-se, então, a inauguração da placa que óra encima a porta de entrada da bibliotéca.

Apanhado inteiramente de surpresa, Eduardo Salvatore não pode ocultar a emoção de que era possuído e, agradecendo, referiu-se carinhosamente aos companheiros que com ele colaboram nessa obra, bem assim a todos os associados do F. C. B. que sempre lhe hipotecaram a mais irrestrita solidariedade.

E assim terminou a cerimonia em meio a abraços e confraternização, num testemunho vivo da bemquerença e da amizade que nos conquistou o nosso bom amigo Eduardo Salvatore.

J. P.

Como é sabido, nos termos do Regulamento de Concursos Internos, o Clube premia, todos os anos, aqueles concórcios que mais se destacam durante o exercício, não só nos concursos mensais internos, como também nos varios salões e certames realizados tanto no país como no estrangeiro dos quais participa o F. C. Bandeirante através de suas representações.

A classificação dos concorrentes, à medida que vão sendo conhecidos os resultados, é portanto acompanhada com grande interesse não só por eles próprios, como pelos demais associados em geral, numa verdadeira "torcida" em torno dos prováveis vencedores.

Neste numero publicamos a classificação geral referente aos salões do exterior até o presente momento, computados os resultados dos seguintes Salões: Des Moines, Mendoza, Portugal, Montreal, Western Canadá, Port Colborne, Charleroi, Quebec, Halifax, Middland, Tres Arroyos, Johannesburg, Cairo, Barcelona e S. Sebastian.

NOMES	Trabs. admitidos	Pontos
Eduardo Salvatore	17	680
Roberto Yoshida	12	540
Angelo F. Nuti	10	460
Fernando Palmério	11	440
Francisco A. Albuquerque	10	400
Galiano Caliera	10	400
Gaspar Gasparian	10	400
Luis Vaccari	9	360
Julio Agostinelli	8	320
Carlos F. Latorre	8	320
Nelson S. Rodrigues	7	280
Thomaz J. Farkas	6	240
Masatoki Otsuka	6	240
Francisco B. M. Ferreira	5	200
Jacob Polacow	4	160
Sergio Trevelin	4	160
José V. E. Yalenti	4	160
German Lorca	3	120
Antonio S. Victor	3	120
Plinio S. Mendes	2	80
Henri E. Laurent	2	80
Manoel Morales Fº	2	80
J. Ramalho	2	80
Asterio Rocha	2	80
Dagoberto R. Almeida	1	40
Cesar Anderaos	1	40
Carlos Comelli	1	40
Cassio L. Maciel	1	40
Nelson Preyer	1	40
Claudio Pugliese	1	40
Paulo S. Takaiama	1	40
Alfio Trovato	1	40
Joaquim S. Vianna	1	40



# ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS

## 1.º Salão Univesitário de Arte Fotográfica

Movimentam-se os jovens universitários de São Paulo, nos arrajais da Arte Fotográfica. Eis aí uma notícia auspiciosa. Já em novembro próximo deverá ser inaugurado na Biblioteca Municipal, o 1.º Salão Univesitário de Arte Fotográfica. O certame será promovido pelo Departamento de Cultura do Centro Academico Oswaldo Cruz e pela Juventude Univesitária Católica, em colaboração com o Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade de São Paulo. Para governo dos interessados, informamos que a entrega dos trabalhos poderá ser feita até 20 de outubro próximo, no Departamento de Cultura do Centro Academico "Oswaldo Cruz", à av. Dr. Arnaldo n.º 1 e na Juventude Univesitária Católica, à rua Quintino Bocaiuva, 176, salas 116-117.

## XI Salão Anual e I Salão Nacional de Arte Fotográfica do Foto Clube do Paraná

A veterana entidade fotográfica curitibana, vem de nos enviar o Regulamento que regerá o seu 11.º Salão Anual e 1.º Salão Nacional de Arte Fotográfica. Dada a experiência de que é possuidor o Foto Clube do Paraná, estamos certos de que o Salão que brevemente irá inaugurar, de carater nacional, marcará uma etapa muito significativa na vida artística e cultural da cidade-jardim.

Para nós, do Foto-cine Clube Bandeirante, a notícia é sumamente grata, pois, tão fortes são os laços de amizade que nos unem aos paranaenses, que nos sentimos irmanados ao exito previsto para o seu 1.º Salão Nacional.

## Casa Branca

Gratas são as notícias que temos recebido de Casa Branca, dando-nos conta do seu Salão de Arte Fotográfica, promovido pelo Centro Cultural Casabranquense. Ainda recentemente, recebeu o nosso Presidente, Dr. Eduardo Salvatore uma carta do Dr. Mario Hoepner Dutra, da qual destacamos os seguintes trechos: "Graças à boa vontade e cooperação de vocês, estamos este ano com um bom Salão de Fotografias, que a todos tem agradado". . . . . "Recebemos cerca de 200 fotos, expondo 138. Por estes dias enviarei, em traços rápidos uma pequena reportagem da inauguração e alguns instantâneos da solenidade". Acompanhando carinhosamente as atividades dos companheiros do interior, aguardamos ansiosamente as notícias prometidas pelo Dr. Dutra para divulgá-las por este Boletim.

## II Salão de Arte Fotográfica de São Carlos

Para gaudio nosso, as atividades foto-artísticas, nos diversos rincões do nosso Estado, não dão qualquer mostra de esmorecimento, mas pelo contrário, vem sendo incrementadas cada vez com maior entusiasmo. É o que nos ocorre ao recebermos o Regulamento e o Boletim de Inscrição para o II Salão de Arte Fotográfica de São Carlos. O prazo de inscrição para este certame, expirará a 31 de outubro, futuro, devendo o Salão ser inaugurado logo após os trabalhos de seleção. Acreditamos que a experiência adquirida no 1.º Salão venha abrir, para os sancarlenses, possibilidades de brilho ainda maior para o do corrente ano e nessa expectativa, felicitamo-los antecipadamente.

## Foto Clube de Amparo

Bom clima, boa água, belas paisagens e muito entusiasmo, eis a receita dos fotógrafos de Amparo. Estes companheiros, numa réplica às "poses" de outros centros, demonstram ter apreendido integralmente as possibilidades do "instantâneo". Assim é que, nem bem acabaram de inaugurar o seu Foto Clube e já estão realizando, no mês corrente, a sua primeira Exposição Interna. Parabens pelo exemplo.

**KOSMOS FOTO**  
ARTIGOS E SERVIÇOS  
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS  
RUA SÃO BENTO, 288 - TEL. 2-5882  
SÃO PAULO



# O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Abrindo esta nossa habitual coluna, transcrevemos do último número do *Boletim Informativo do CLUB FOTOGRAFICO DE CHILE*, o comentário relativo á representação brasileira ao último Salão Internacional realizado por aquela conhecida entidade e cujo resultado já foi por nós publicado números atrás. Confirma esse comentário as lisonjeiras impressões que as representações bandeirantes vêm deixando em todo o mundo artístico-fotográfico, elevando assim, sempre mais o renome do nosso Clube e da arte fotográfica brasileira.

Eis, o comentário em apreço:

“No grupo do Brasil, chamou a atenção todo o conjunto de José Oiticica Fo., destacando-se o n.º 14, “Ara Araruama”, um magnífico e arrogante exemplar de arara brasileira que, se prestou para dar vigor ao quadro, sabiamente tratado por uma viragem ao selenio. Deste artista ressaltou também o n.º 17, “Chuva de Prata”, um motivo agradável por sua simplicidade e espontânea construção, igualmente virado ao selenio como o anterior.

Seguiram em importância as fotografias ns. 20, 29, 41 e 43 de Djalma Gaudio, Gaspar Gasparian, Angelo Nuti e Julio Agostinelli, respectivamente, todas elas, motivos sugestivos e agradavelmente compostos.

Neste mesmo conjunto do Brasil ha que mencionar, de forma especial, a Eduardo Salvatore, por suas relevantes qualidades artísticas. A melhor de seu envio, foi “Quietude”, n.º 55; límpida, clara, atraente pela delicadeza de tons e cuja quietude, tema da obra, trans-

mite plenamente ao observador. Segue em importância, “Inspiração”, n.º 54, igualmente bela pela sua notável composição. Dificilmente se poderia encontrar, como nesta obra, uma disposição mais artística de elementos em um quadro: dois deuses, um tronco de árvore e uma figura humana, equilibrando-se harmonicamente e, subordinado a este conjunto, um fundo tranqüilo de nuvens, completando a composição.

A de n.º 53, “Prece”, foi outra mostra da sensibilidade artística de Salvatore: cuidadosamente planejada, é uma delicada expressão de devoção religiosa. O modelo, propositalmente colocado numa das margens do quadro e olhando para fóra dele, acentua o mistério do poder divino que se apercebe mais além de seu olhar.

Verdadeiramente, é atraente o estilo tão limpo, fácil, sem rebuscamentos e sugestivo de Salvatore.

Sergio Trevelin expoz um único trabalho que bastou para se aquilatar de seus méritos: “Paz”, n.º 56. Nesta obra não se percebem tons intermedios, claros-escuros ou meias-tintas; é quasi uma silhueta. Os detalhes foram expressamente eliminados para concentrar a atenção na idéia de grandiosidade que dela se desprende, habilmente expressada pelo contraste de tamanho que se observa entre as grandes arcadas da Igreja e a pequena figura do sacerdote, colocado num dos ângulos inferiores do quadro. É uma magnífica composição, lograda com pleno êxito.

“Extase” de Ismael A. Souza, n.º 70, foi o melhor de seu conjunto. O motivo é delicado e o reflexo na água é o elemento que dá vida ao quadro”.

## ULTIMOS RESULTADOS

### Xº SALÃO DE TRES ARROYOS, ARGENTINA, 1949

— Conforme prometemos no último Boletim, damos a seguir o resultado alcançado neste importante Salão do Prata, pela representação bandeirante, que, como adiantamos, marcou mais um expressivo êxito. Foram admitidos: “Revisão Noturna” e “Tensão” de F. Albuquerque; “Amarras”, “Estivadores” e “Redes ao sól” de G. Calliera; “Estudo de composição” de T. J. Farkas; “Curva Rustica” de F. B. M. Ferreira; “El Misti” e “Litoral nordestino” de G. Gasparian; “Amanhecer em Caraguatubá”, “D. Isidoro” e “Estudo” de C. F. Latorre; “Don Manuel” de G. Lorca; “O tropeiro” e “Velha proa” (5.º premio) de A. F. Nuti; “Deixando sombras” e “Limpeza” de M. Otsuka; “Edson”, “Luar do Paquetá” e “ Raios solares” de F. Palmério; “Destino” e “Serenata” de J. Polacow; “Candura” de C. Pugliese; “Estudo” e “Repouso” de J. Ramalho; “Olguidares” de A. Rocha; “Fim de tarefa”, “Tormenta” e “Uvas” de N. S. Rodrigues; “Concerto familiar”, “Tormenta próxima”, “Labor” e “Tio Alonso” de E. Salvatore; “Helio”, “Oh!” e “Stella Maria” de L. Vaccari; “O modelo”, “Ovos” (Premio á melhor foto estrangeira) e “Tratar bem os animais” de R. Yoshida.

### 13.º SALÃO SUL-AMERICANO, JOHANNESBURG, 1949

— Admitidas: “Passo a dois” de G. Calliera; “Sem destino” de A. F. Nuti; “Patinador comodista” e “Poetisa na Estrada” de R. Yoshida, além de “Serpentina” e “Deus, dê-nos paz” de nosso consócio Fr. Aszmann do Rio de Janeiro.

\* \* \*

### III.º SALÃO DO CAIRO, EGYPTO, 1949

— Pela primeira vez participou o F. C. Bandeirante deste Salão cuja importância pode ser aquilatada pelo alto número de inscrições recebidas e que ultrapassaram a 2.500 trabalhos. Pelo juri, foram admitidos apenas 349, sendo 19 do Brasil, que assim se classificou, dentre cerca de 30 países, novamente num dos primeiros lugares, ultrapassado apenas pelos Estados Unidos, Itália e Hungria. Foram admitidos: “Tranquilidade” de G. Gasparian; “Don Garcia” e “Bonança” de F. Palmério; “Cristais” de N. S. Rodrigues; “Idade feliz”, “Inspiração” e “Madona” de E. Salvatore; “Ultimas luzes” e “No canal” de L. Vaccari; “O pequeno jardineiro” e “O amolador” de A. S. Victor; “Maromba” e “Poema” de J. V. E. Yalen-



ti; "O modelo" e "Cabeluda" de R. Yoshida; figuraram também neste Salão, os trabalhos, "Serpentina", "Depois da tempestade", "Velho homem" e "Bois" de Fr. Aszmann, o qual conquistou também medalha de prata.

\* \* \*

**SALÃO DE BARCELONA, ESPANHA, 1949** — Admi- tidos: "Espectro" de Julio Agostinelli; "Ondas" e "Por- trait" de Fr. Albuquerque; "Negro bamba" de Dagoberto de Almeida; "Grupo de pescadores" de T. J. Farkas; "Serenidade" de G. Gasparian; "Telhas" de M. Otsuka; "Jangadas" de Astério Rocha; "Sanguinario" de N. S. Rodrigues; "Sombras da tarde" e "Tormenta" de E. Sal- vatore; "Portrait de "Y", de Paulo Takayama; "Paz" de S. Trevelin; "As comadres" de Joaquim S. Vianna e "Ovos" de R. Yoshida. Participaram também do Salão, os seguintes consócios do Rio de Janeiro: Djalma Gau- dio com "Inverno", José Oiticica Fo. com "Estudo" e "Recolhendo a rede" e Frederico S. Somer com "Copa- cabana Girl".



## PERGUNTAS "FOTOCRETINAS"

- Filho de fotógrafo-amador cresce ou amplia?
- Si existe "parasól", porque não existe "para-chuva"?
- Si V. "corta" a fotografia, porque não costura tam- bém?
- Uma fotografia com muita "linha" é carretél? Ou é gran-fina?
- A fotografia com "massas" é sopa? Si não é sopa o que é?
- O "filtro vermelho" dá cunho político á fotografia?
- Quando uma fotografia está "queimada" chama-se o corpo de bombeiros?
- Uma "cópia" pode ter originalidade e interesse?
- Quando V. "corta" uma fotografia onde joga o ou- tro pedaço?
- Si um trabalho está "desiquilibrado" deve-se levá-lo a um psicopata?
- Uma fóto com tárja preta, é sinal de luto?
- Uma "banheira 9x12" tem chuveiro?
- V. "fixou" bem esta última?
- Um negativo em que se usou "filtro" sai aguado?
- Quando V. "monta" a fotografia, vai a galope?
- Uma ampliação "granulada" deve ser tabelada pela C. C. P.?
- "Si...ha...lente" na máquina, existe máquina Yalenti?
- Uma "composição em cunha" exige uma talhadeira?
- Quando V. aperta o "disparador" ele sempre faz "click"?
- Uma composição em "tom maior" exige um maestro?
- O "rendimento" de uma fotografia deve ser decla- rado para o Imposto de Renda?

## Flahs...adas



Quando três fotógrafos-amadores "resolvem" compor um quadro, entra em jogo o lema: "Todos por um e um por todos". Aí o estão demonstrando o Geraldo, Salvatore e Victor. O velho tronco éra pesado, mas assim não o sentiu o Plínio que ficou com a melhor chapa...

## NOVOS SÓCIOS

A campanha em pról do aumento do quadro social continua sendo òtimamente acolhida por todos, como demonstra a rela- ção abaixo de novos aficionados, que a par- tir da última reunião da Diretoria, passaram a integrar o quadro social do F. C. Bandei- rante: Inscrições ns. 694, Darcy Reis; 695, Dr. Carlos Alberto Salvatore; 696, Dr. Mario Ortman Ferreira; 697, Lóris Foggiatto; 698, Nestor Baena; 699, Ubirajara Ribeiro Cam- pos; 700, Dr. Feres Saliba; 701, Henrique Uchôa Santos Dumont; 702, Otavio Uchôa da Veiga; 703, Jorge Muller Carioba; 704, Ven- tel Postatni; 705, Orlando Silva; 706, Walde- mar Ribeiro; 707, José Luiz dos Santos Fi- lho; 708, Edmundo Verski; 709, Israel Pola- cow, e 710, Dr. Octacilio de Carvalho Lopes.



## CONCURSOS INTERNOS

Continuando a série de concursos internos programados para o corrente ano, será realizado no mês de outubro próximo o penúltimo concurso previsto, o qual terá por tema "CRISTAIS E METAIS", ou sejam, composições onde entram como motivo principal objetos ou cousas feitas com aqueles materiais, os quais se prestam sobremaneira para se conseguir belíssimos efeitos.

Como de costume, o prazo para inscrições será encerrado a 20 daquele mês, devendo os trabalhos obedecer às condições constantes do regulamento de concursos internos.

Nesse mesmo dia, será encerrado também o prazo para o 3.º Concurso Interno de DIAPOSITIVOS EM CORES, outra modalidade que vem despertando intenso interesse entre os associados.

Conforme já foi noticiado, em Novembro não serão realizados concursos, ocupadas como estarão algumas das dependências da sede com os preparativos para o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo.

Encerrar-se-á o calendario dos concursos internos em Dezembro, com a realização do último concurso de 1949, sob TEMA LIVRE.



## CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1949-50

Pelo Diretor de Intercambio, foi organizado o calendário abaixo de salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1949 e princípio de 1950, no estrangeiro, e aos quais o Clube concorrerá em representações coletivas de seus associados.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entidades congêneres que mantem intercambio com o Fc. C. B., concorrendo com

idênticas representações ao Salão Internacional de São Paulo.

Foram considerados apenas os salões que se realizam impreterivelmente, todos os anos, o que não impedirá de a relação serem acrescentados, posteriormente, outros salões e certames promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o nosso Clube.

SALÕES	CIRCUITOS	N.º de trabs.	Datas de entrega no Clube
7.º Concurso Esportivo do C. A. Provincial de Rosário (Argentina)		6	24 de Setembro
8.º Salão Int. de SÃO PAULO		4	30 de Setembro
11.º " Int. do Paraná		2	10 de Outubro
13.º " Int. de Portugal (1950)		4	31 de Outubro
14.º " Int. de Johannesburg - Africa do Sul - 1950	Cape Town, Port Elizabeth e Durban	4	5 de Novembro
" Int. da "Irish" (Dublin - Irlanda) (1950)	Outros salões da Irlanda (prov.)	4	3 de Dezembro
4.º " " de Mendonza (Argentina)		4	8 de Janeiro
4.º " " " Montreal (Canadá)	Vancouver, Vitória, etc.	4	31 de Janeiro
9.º " " " Barcelona (Espanha)	San Sebastian, Zaragoza e prov. Madrid	4	5 de Fevereiro
41.º " " " Londres (Inglaterra)	Southgate e Combined Societies	4	5 de Março
6.º " " " Adelaide (Austrália)	Sidney, Melbourne e Nova Zelandia	4	30 de Abril
38.º " " " Paris (França)	Holanda, Luxemburgo e Checoslováquia (prováveis)	4	12 de Maio
4.º " " da Dinamarca	Suécia e Noruega (prováveis)	4	19 de Maio
11.º " " de Três Arroyos (Argentina)		5	28 de Maio



# O P O R T U N I D A D E S

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados a razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. — Para os sócios do Clube, a inserção de um anúncio mensal será gratuita. —

## VENDE-SE

KINE-EXAKTA 35 mm., obj. Xenon 1:2, com estojo de prontidão, acompanhada de uma tele-objetiva Xenar 1:5,5, de 15 cm., tudo em perfeito estado. Tratar com Nelson na Secretaria do Foto-clube entre 20 e 22 horas.

CONTAX II, obj. 1:2, com mala de prontidão por Cr.\$ 8.000,00. Uma TELEOBJETIVA para Kodak Especial 16 mm. por ..... Cr.\$ .600,00. Uma TELEOBJETIVA para Universal 8 mm. por Cr.\$ 500,00. Uma Mercury II, obj. 1:.,7 por Cr.\$ 1.400,00. FOTO FRITZ, Largo do Ouvidor, 43 - Fone: 3-1840.

Esmaltadeiras 50x60, plana, toda de ferro, "Fontamac", da qual existem imitações de fabricante inescrupuloso. Esmaltadeiras de outros tipos, refletores, roletes, placas cromadas, porta-retratos. Acessórios em geral para fotografias pelos melhores preços. Aceitam-se pedidos do interior. FONTAMAC, R. Francisca Miquelina, 190 — Fone: 3-5628.

BIOGON 1:2,8 f. 3,5 cm. T. verm. (azulada) nova da fábrica para CONTAX e outra idêntica para LEICA, cada uma Cr.\$ 6.600,00. TELEOBJETIVA "ASTRO" 1:5 f. 30 cm. com "REFLEX-HOUSE" para LEICA Cr.\$ 6.500,00. Outras tele-objetivas e grande-angulares por preços de ocasião. Mantemos grande estoque de máquinas de procedência alemã. Aceitamos aparelhos usados em pagamento. "UNIVERSAL", Av. São João, 327 - 1.º and.

LEICA III C com Summitar 1:2 azulada com estojo de prontidão, nova em folha, nunca usada. Cr\$ 8.500,00. Tratar com Nelson, na Secretaria do Foto Clube entre 20 e 22 horas.

## SEAGERS GIN

(DIGA SIGA)

*Agora também em*

**1/2  
LITROS**

Atendendo a todas as posses, SEAGERS GIN é agora encontrado em duas embalagens distintas - 1 litro e 1/2 litro! Eis à sua disposição o "VELHO" e o "JUNIOR", para que V. possa sempre tomar o seu tradicional SEAGERS GIN!



Esta é uma oferta sensacional da SEAGERS DO BRASIL S.A., aos seus inúmeros amigos consumidores. Adquirá agora, também, o "SEAGERS JUNIOR", o mesmo inigualável produto em embalagens de 1/2 litros, por um preço realmente acessível.

### SEAGERS DO BRASIL S. A.

R. Humberto Primo, 961 - São Paulo

O GIN BRASILEIRO MELHOR QUE O ESTRANGEIRO



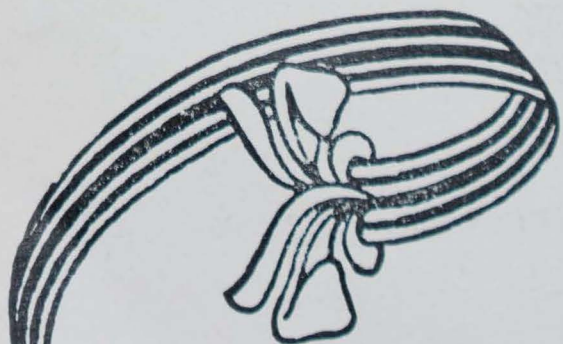


## NOS CÉUS DO MUNDO

A "PANAIR DO BRASIL" adotou em suas aeronaves "BANDEIRANTES" para as rotas europeias e americanas talheres e baixelas FRACALANZA. Tal preferência, baseada na matéria prima empregada, na elegância dos artigos e no rigor do seu fino acabamento, representa uma vitória para a indústria brasileira, isto é, para a *prata de casa*.

O "*made in Brazil*", gravado ao pé da gloriosa marca FRACALANZA, percorre os céus do mundo levando por toda parte o nome do Brasil e a afirmação de que a indústria nacional, em alguns particulares, já pode emparelhar com as mais antigas dos vários continentes.

FRACALANZA é uma tradição viva de nossa terra, que atravessa a distância e o tempo, servindo ao Brasil: seu traço característico e a perfeição de suas baixélas e talheres.



# fracalanza

*A prata de casa*





**Gevaert**

*sempre na  
sua vida.*

